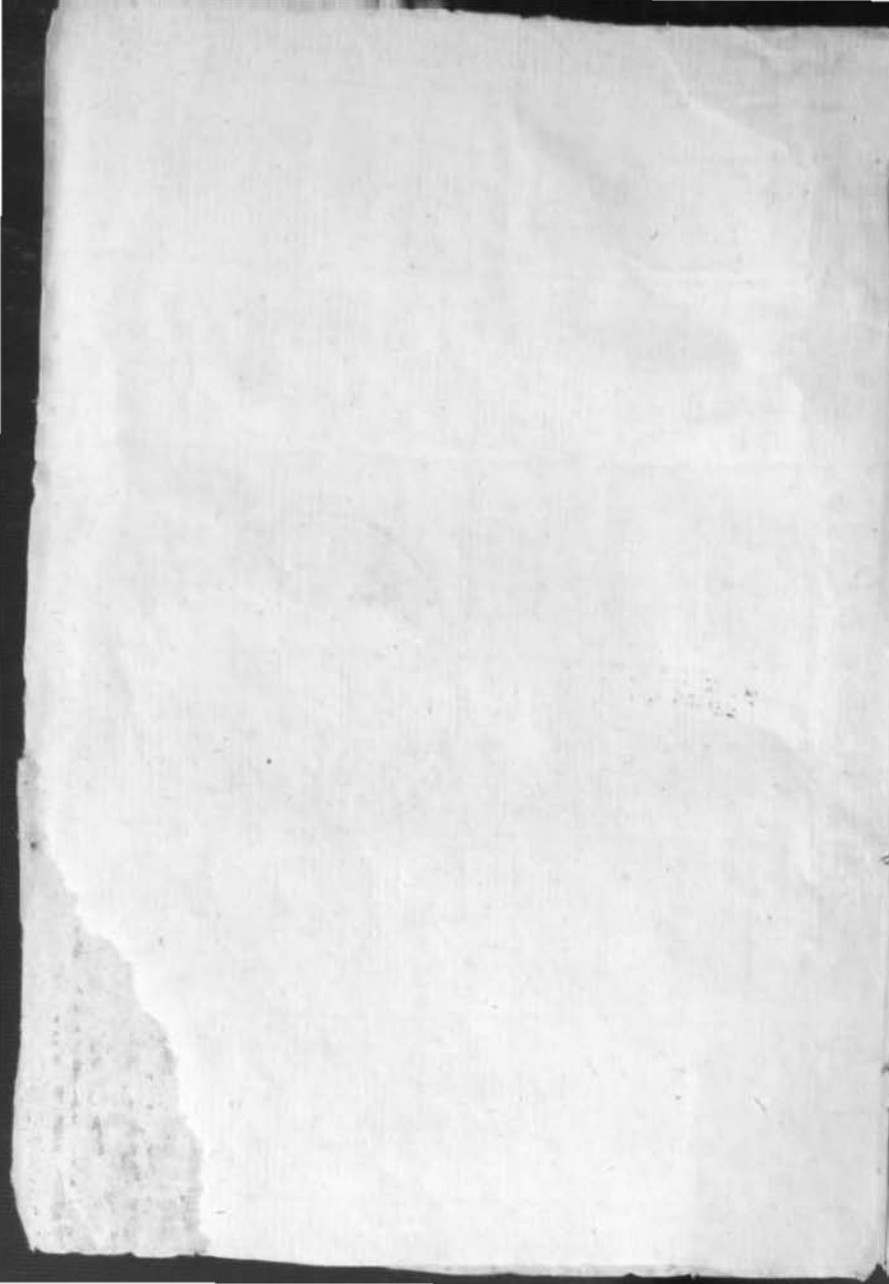


Sala 5  
Gab. 32  
Est. 22  
Tab. 25  
N.º



# POEMAS

OFERECIDOS

AOS

## AMANTES DO BRAZIL

POR SEU AUTOR

JOZÉ DA NATIVIDADE SALDANHA,

*Natural de Pernambuco, e Estudante do Terceiro  
Ano de Leis na Universidade de Coimbra.*

---

*Phoebe, fave, novus ingreditur tua Templa Sacerdos.*

TIBULL. L. 2. Eleg. 5.

---



COIMBRA,

NA IMPRESSA DA UNIVERSIDADE.

1822.

*Não fazem dano as Musas aos Doutores  
Antes ajuda ás suas letras dão.*

FERREIRA.

*Sunt bona, sunt quaedam mediocria, sunt mala plura,  
Quae legis hic; aliter non fit, Avite, liber.*

MARTIAL. L. 2. Epigr. 40.

( 3 )

S O N E T O.

A Penas toca o Promontorio ouzado  
Do Luzo Dias o baixel veleiro,  
Sombrio, espêso, denso nevoeiro  
Encobre o dia ao Nauta denodado.

Silva na enxarcia Noto dezatado;  
No mar baquêa eléctrico luzeiro;  
Sôa rouco trovão, e sobranceiro  
Sobe Netuno em serras levantado.

Eis surge, eis s'ergue espetro pavorozo:  
« O' Luzo (trôa assim) é tempo; agora  
« Decerás de Netuno ao scio undozo.

Dizia ... (Orrendo abismo a náu devóra : )  
« Eis punido, ó Mortaes, o que vaidozo  
« Abriu primeiro os penetraes da Aurora. »

*A Bartolomeu Dias.*

## S O N E T O.

**F**inalmente, Vieira, illustre amigo,  
 Morreste ás mãos da tizica funesta.  
 O que resta de ti? Sómente resta  
 Um frio corpo em tacito jazigo.

Dons, em que o Ceo foi liberal contigo,  
 Não te salvirão da secura infesta;  
 Vibrou seus golpes A'tropos molesta,  
 Sofreste sem delito atroz castigo.

O que foste, o que es oje estamos vendo;  
 E a amizade fiel seus ais te envia  
 Junto ao sepulero, em que te vê jazendo.

Descansa em paz na sepultura fria.  
 Ah! talvez que o Saldanha ao mal cedendo (a)  
 Breve te faça eterna companhia.

*Ao Tenente Antonio de Padua Vieira Cavalcanti,  
 Estudante do Terceiro Ano Matematico, e falecido  
 a 4 de Julho de 1821.*

---

(a) O Autor estava então enfermo.

## S O N E T O.

Depois de aver contente protestado  
Nunca mais arpejar na branda lira,  
E á divina Camena, que me inspira  
Aver entregue o plectro auribordado:

Depois de ter o Pindo abandonado  
Onde abita o Pastor, que o Globo gira,  
O sacro entusiasmo não expira,  
Nem o Febêo calor tem moderado.

Um não sei que me impele com frequencia  
Para versos fazer, por mais que forte  
Opor-lhe intento umana resistencia.

Que farei? Eu não poso obstar á sorte:  
Quer que eu seja Poeta: paciencia;  
Sou Poeta, e serei até á morte.

## SONETO.

**M**Arcia! Marcia! ai de mim! está xogado  
 O momento cruel, que eu mais temia;  
 Sinistro môxo, que a meu lado pia,  
 A' longo tempo o tinha anunciado.

Já deixei o çurrão, e o meu cajado;  
 Quebrei a doce frauta, em que tangia,  
 E o rafeiro fiel, que me seguia,  
 Definhou; definhou tambem meu gado.

Tudo acabou; e a negra desventura  
 Quer que os laços de amor a auzencia córte;  
 Que eu deixe, ó Marcia, a tua formozura.

Ceos! que Fado cruel! que imiga sorte!  
 Eu dezespero, eu morro... O' Parca dura,  
 Já que Marcia perdi, vem dar-me a morte.



## S O N E T O.

**D**Ebaixo desta pedra inculta, e dura  
 Jaz de Pedro a consorte, Inez formosa;  
 Jazem tambem com ella em paz ditosa  
 A innocencia, a virtude, a formozura.

Não foi a cauza dessa morte escura  
 Orrendo crime, culpa vergonhoza;  
 Seu delito foi ser de um Rei espoza,  
 Ser amada, e amar com fé tão pura.

As filhas do Mondego o caso infando  
 « Longo tempo chorando memorárão »  
 As madeixas sutis desentrançando.

O Mondego gemêo : os Ceos troárão ;  
 E os Amores dos labios se apartando  
 As duras setas palidos quebrárão.

*A D. Inez de Castro,*

## SONETO.

A' Sombra deste cedro venerando  
 Momentos mil gozaste encantadores;  
 Aqui mesmo asentada entre os verdores  
 Te axou mil vezes Pedro suspirando.

Parece-me, que estou inda escutando  
 Teus suspiros, teus ais, e teus clamores;  
 Parece-me, que a fonte dos Amores  
 Inda está de queixoza murmurando.

Aqui viveu Inez! . . . E reclinada  
 'A' borda desta fonte clara, e pura  
 Foi (que orrivel memoria!) traspasada.

Mortaes! gemei de mágoa, e de ternura;  
 Nesta rara beleza não manxada,  
 Foi culpa amar, foi crime a formozura.

*Ao mesmo assunto feito de repente na Quinta das  
 Lagrimas em 1820,*

## SONETO.

OS teus olhos gentís, encantadores,  
 Tua loira madeixa delicada,  
 Tua bôca por Venus invejada,  
 Onde abitão mil candidos amores:

Os teus braços, prizão dos amadores,  
 Os teus globos de neve congelada,  
 Serão tornados breve a cinza!.. a nada!..  
 Aos teus amantes causarão horrores!..

Ceos! e ei-de eu amar uma bôeza,  
 Que á cinza reduzida brevemente  
 A'-de servir de orror á Natureza!..

Ah! mandai-me uma luz resplandecente,  
 Que minha alma ilumine, e com pureza  
 Só ame um Deos, que vive eternamente.

## S O N E T O.

**E**M vão, meu caro amigo, acautelado  
 Pertendes occultar no teu semblante  
 A paixão, que te abraza o peito amante,  
 A cauza dese amor talvez baldado:

Em teus olhos, e peito incendiado  
 Flameja esta paixão onidomante,  
 E onde estará occulto um só instante  
 O filho de Mavorte, o Deos alado?

A engraçada, gentil . . . . .  
 Formosa Ninfa, mais que Venus bela,  
 É cauza dese amor, paixão divina.

Deixa, amigo; no amor não á cautela;  
 Ama livre a gentil, que te domina,  
 É teu gosto morrer, morre por ela.

## SONETO.

**E**Mpunha, ó Rei supremo, um çetro augusto  
 De teus claros Avós c'o sangue herdado;  
 Cinge o Regio diadema não manzado,  
 Terror do Ganges, e do Idaspe susto,

O Ceo, que te protege, o Ceo, que é justo  
 Vestirá de ventura o teu reinado,  
 E d'... e ... o braço armado  
 Teu Reino escudará do Ispano injusto.

Brando recebe o feudo respeitozo,  
 Que a filha de Agenor, Brazil jocunda,  
 Que o Luzo Algarve ofrece prezurozo.

Reina, ó copia fiel de João segundo:  
 Sóbe a um trono, que esteia o Ceo piedozo,  
 Próspera ó novo Rei, o novo Mundo.

*A Aclamação do Sr. D. João VI.*

## S O N E T O.

Filhos da Patria, jovens Brasileiros,  
 Que as bandeiras seguis do Marcio Nume,  
 Lembrem-vos Guararápes, e ese cume,  
 Onde brillarão Dias, e Negreiros.

Lembrem-vos eses golpes tão certos,  
 Que ás mais cultas Nações derão ciume;  
 Seu exemplo segui, segui seu lume,  
 Filhos da Patria, jovens Brasileiros.

Eses, que alveião campos, niveos osos,  
 Dando a vida por vós constante, e forte,  
 Inda se prézão de xamar-se nosos.

Ao fiel Cidadão prospéra a sorte:  
 Sejam iguaes aos seus os feitos vosos;  
 Imitai vosos Páes até na morte.

*A' Mocidade Pernambucana, que se alistou em a  
 ano de 1817.*

S O N E T O .

SE no seio da Patria carinhoza ,  
Onde sempre é fagueira a sorte dura ,  
Inda lembras , e lembras com ternura ,  
Os meigos dias da união ditoza .

Se entre os doces encantos de que goza  
Teu peito divinal , tua alma pura ,  
Suspiras por um triste , e sem ventura ,  
Que vive em solidão cruel , penoza :

Se lamentas com mágoa a minha sorte ,  
Recebe estes meus ais , . . . amante ,  
Talvez nuncios fieis da minha morte .

E se mais nos não virmos , e eu distante  
Sofrer da Parca dura o ferreo córte :  
\* Amou-me , dize então ; morreu constante .

## S O N E T O.

Saudozos versos meus, que disterrado  
No tempo, em que negreja a noite escura,  
Vos cantei sem alinho, e sem doçura  
Ao vibro do instrumento ao Letes dado.

Já que vos é propicio o duro Fado,  
E gozáes dos afagos da ventura  
Nas azas do pezar, e da amargura  
I'de na Patria dar saudozo brado.

Saudai os socios meus, por quem suspira  
Esta alma, que de angustias oprimida  
A's duras feras compaixão inspira.

Ah! Dizei-lhes com voz enterrecida,  
Que eu aflito cantando ao som da lira,  
Qual o Cisne aruncio o fim da vida.



## SONETO

**P**alido o rosto, o passo vagaroso,  
 Atado o côlo á estridula corrente,  
 Caminha o semi-vivo delinquente  
 Ao patibulo feio, e vergonhozo.

A cada passo prova o dolorozo  
 Golpe fatal da foice reluzente,  
 E entre as ancias mortaes, que afflito sente,  
 Prevê o instante amargo, e lutuozo.

Xega ao lugar em fim; ninguem socorre;  
 Dos olhos se lhe furta a luz serena,  
 E nas garras do algoz arqueja, e morre.

Ceos! que cena de orror! que infausta cena!  
 Geme a Natura, que enlutada corre,  
 Folga a Justiça, que lhe impoz a pena.

*A um Réo de morte.*

## SONETO.

SURDO á voz da razão , e da verdade ,  
 A dôr negando o natural tributo ,  
 Antolha o Réo feroz c'o rosto enxuto  
 O lugar , que intimida a humanidade.

Roma o ensina , Roma o persuade ;  
 Porém não doma o coração corruto ,  
 Que do sangue da vitima poluto  
 Adora o crime , préza a feridade.

Deixa Roma o perverso delinquente ;  
 Não te canses em vão pois a beleza  
 Da virtude feliz não ama , e sente.

Deixa ; e não te surprenda esa dureza :  
 Não pôde amar a lei do Onipotente ,  
 Quem não amou a lei da Natureza.

*Ao mesmo assunto, não querendo o Réo confesar-se.*

S O N E T O.

C Aros socios, desta alma luz, e vida ↓  
Já do Porvir no pégo nebulozo  
Vislumbra o dia infausto, e lutuozo,  
Em que o Ceo ordenou minha partida.

Os ternos ais, a triste despedida,  
O extremo adeos tão triste, que xorozo  
Na vaga fantazia o Fado irozo  
Pinta com mão tirana, e dezabrida.

Paula! Regos! Amigos! Patria cara!  
Oh! quem antes de dôr, de mágoa pura  
Primeiro que deixar-vos acabára!

Porém se é tanta a minha desventura,  
Juro-vos que a pezar da sorte amára  
Ei-de amar-vos além da sepultura.

*Feito nos Srs. Francisco do Rego Barros, Sebastião  
do Rego Barros, e José Francisco de Paula na reitira-  
da do A. para Coimbra.*

S O N E T O.

A Quella, que na flor da Primavera  
Ontem perpétua ser nos prometia,  
Oje, quando mais bela parecia,  
Ao golpe succumbio da Parca fera.

Sua alma, já vingando a azul esfera,  
Vão o Nume buscar, que veste o dia,  
E do corpo, que é terra, a terra fria  
Apezar dos amantes se apodéra.

Que iluza vives, necia formozura;  
Pensando eternizar-te loucamente  
Se Nize bela vês na sepultura!

Não se evade ao cutêlo um só vivente;  
Corta c'ò mesmo gume a Parca dura  
O mizero Pastor, o Rei potente.

S O N E T O.

A Mado filho meu, que nesa idade  
Empunhas lédo o cetro Luzitano,  
Conhece em mim, que o Mundo é vão engano;  
Que é nada o cetro, é nada a Magestade.

Da inexoravel Parca a feridade  
Não distingue Pastor, nem Soberano;  
Prostra c'o mesmo impulso desumano  
Amor, Constancia, Gloria, e Potestade.

Reis, e Vasalos, Servos, e Senhores  
Tornão-se em breve tempo á cinza pura,  
Servem de pasto á vermes roedores.

Ama o teu Povo: rege-o com ternura;  
Pois são Vasalos, Reis, e Imperadores  
Iguaes no berço, iguaes na sepultura.

*Na sentida morte de Sua Magestade a Rainha D.  
Maria I.*

S O N E T O.

N Oite, noite sombria, cujo manto  
Rouba aos olhos mortaes a luz Febéa,  
E em cuja escuridão medonha, e fêa  
Mágoa inspira do móxo o triste canto.

Tu avêsa ao prazer, socia do pranto,  
Que rompe do mortal a fragil téa,  
Consóla um infeliz, que amor ancêa,  
E á quem mágoa é prazer, pezar encanto.

Vém, compassiva noite, e com ternura  
Recolhe os ais de uma alma, que suspira,  
Oprimida de angustia, e desventura.

Recebe os ais de um triste, que delira;  
De um triste, que embrenhado na espesura  
Suspirando saudozo arqueja, espira.

S O N E T O.

É Amor, ó mortaes, inda menino,  
Inda o láteo cristal de Venus ama;  
Inda Mãe ternamente agora xama;  
Porém já é cruel, feroz, malino.

É formozo o seu rosto pequenino,  
Seus olhos são iguaes á rubra xama,  
Sua vista sómente abraza inflama,  
Envenena seu beijo viperino.

É travêso, é astuto, é destimido;  
É dos Deozes do Orbe o mais pequeno,  
É deles o maior, e o mais temido.

Domina o que é Celeste, o que é terreno;  
É doçura não sendo conhecido,  
Conhecido porém letal veneno.

## SONETO.

DE glória xeio, se de pó tingido,  
 Alardéa o guerreiro furiozo,  
 Que lhe orna a frente, loiro sanguinozo,  
 Na campina de Marte conseguido.

Pela xama de Fébo produzido  
 Préza o metal o Rei ambiciozo,  
 Que recebeu fagueiro, e carinhozo  
 De Adiméto o Pastor esclarecido.

Eu alardeio só a branda lira,  
 Que nos campos orriveis de Mavorte  
 Dando vida aos Eróes, aos necios tira.

É dos ómens diversa a triste sorte;  
 O guerreiro perece, o Rei expira;  
 Só o Vate se esquivá á lei da morte,



## SONETO.

DO Gnidio Nume o fogo devorante  
 Inda não abrázou meu terno peito ;  
 Inda em mim não cauzou penozo efeito  
 Do éneo carcaz a seta penetrante.

Não suspiro , não gemo aflito amante ;  
 Não vivo ás leis cruceis de amor sujeito ;  
 E vivo a não amar já tão afeito ,  
 Que seu poder não temo Onidomante.

Não me póde mover formozza Dama ;  
 Seu rosto divinal jámais atêa ,  
 Jámais acende em mim amante xama.

De uma paz salutar minha alma é xêa ;  
 Não amou , não dezeja , em fim não ama ;  
 Com o douto Venuzo se recrea ,

## S O N E T O.

Qual de Abrahão o mimozo decendente  
 O sêco lenho aos ombros carregando,  
 Que a soberba montanha caminhando  
 Váe ser candida vitima inocente.

Assim, curvo do lenho ao pézo ingente,  
 Em rubro sangue o ser evaporando,  
 Ao suplicio mais barbaro, e nefando  
 Caminha vagarozo o Onipotente.

Já, das forças viris destituído,  
 Tóca de quando em quando a terra dura  
 A mão, que vibra o raio tripartido.

Oh! poder milagroso da ternura!  
 Quer padecer um Deos sendo ofendido  
 Para não padecer a creatura.

## S O N E T O.

EM quanto sobre o cume onipatente  
 Do bifido Parnazo deleitozo  
 Ao som da lira grato, e sonorozo  
 Teus louvores entôa, o Deos luzente:

Em quanto a Diva Muza alticadente,  
 Que te inspira um cantar melodiozo,  
 Com a rama do loiro preciozo  
 Te enriquece, te adorna a douta frente:

Eu, em candido Cisne transformado,  
 Sobranceiro a uma fama tranzitoria,  
 A' morte sobranceiro, ao Tempo, ao Fado;

Vou, mimozo Cantor das Muzas gloria,  
 Estampar o teu nome celebrado  
 Nos brilhantes altares da Memoria.

*Ao Sr. Antonio Joaquim de Melo.*

## S O N E T O.

**M**Elo sonóro, Melo evidomante,  
 Cuja mente fecunda Apolo inflama,  
 Cuja fronte enriquece, adorna, enrama  
 De verde loiro crôa vicejante,

Oje, que este Paiz beligerante  
 Revive xeio de esplendor, e fama  
 Com os filhos Eróes, que o Mundo aclama  
 No Templo da Memoria flamejante:

Toma a lira sem par, que o Mundo espanta,  
 E aureas cordas ferindo brandamente  
 Almos ínos Dircêos entôa, e canta.

Da mente sólta a fulgida corrente;  
 Sólta a cadente voz, que a tudo encanta;  
 Canta o brio, e o valor da Patria gente.

*Ao mesmo Senhor no dia anniversario da restaura-  
 ção de Pernambuco,*

## S O N E T O.

DEsprende, Aonio, a voz, que amor inspira,  
 Desprende a xama, que te abraza a mente,  
 Já que o Numen intonso te consente  
 Arpejar na Venuza, excelsa lira.

Ou tu cantes de amor, que a paz nos tira,  
 Ou do Nume vivaz armipotente,  
 Tua lira feliz, teu som cadente  
 Iguala o do Pastor, que o Orbe gira.

Entôa o carmen, que te coube em sorte (a),  
 Não denegues á Patria, ao Ceo querida,  
 Teu canto sobranceiro ao ferreo córc.

Feliz Aonio! Sorte apeteçada!  
 Tu inda ás-de viver depois da morte,  
 Eu depois dela não terei mais vida.

*Ao mesmo Senhor.*

---

(a) Alude a uma Ode, que ele se avia obrigado a compôr.

## S O N E T O.

C Eos ! que silencio triste, que respira  
Da fêa morte na morada impura !  
De Fébo aqui não brilha a formozura,  
O dia é noite, a noite orror inspira.

Do ferô Aquiles não flameja a ira,  
Oculta Mario negra sepultura,  
Curiacio, Anibal é cinza escura,  
Não canta Oracio, Ovidio não suspira.

Tudo é silencio, é taciturno tudo ;  
Platão famoso, ese Orador de Atenas,  
Eloquencia não tem, jaz frio, e mudo.

Terrivel morte, á quanto nos condenas !  
Debaixo do teu cetro carrancudo  
Os gostos são iguaes, iguaes as penas,

S O N E T O.

DA sagrada prizão, que nos unia,  
Companheiros fieis, rompeu-se o laço:  
Quanto o bem do mortal é sempre espaço!  
Quanto é fugaz a candida alegria!

Acabou-se a união: a sorte impia  
Nos veio separar por longo espaço;  
Acabou-se a união: sombrio, e baço  
Já nace Fébo, já desponta o dia.

Adeos, adeos, amigos; se entretanto  
Roubar-me a vida o meu cruel destino,  
A' quem não move sonoro canto,

Saudai as cinzas do Cantor divino;  
Sobre a campa vertei saudoso pranto,  
E dizei suspirando: « Adeos Jozino. »

*Ao Sr. Francisco do Rego Barros no fim de um anno  
letivo.*

## SONETO.

A Cezos turbilhões , corrente xama ,  
 Linguagem não vulgar , que o Mundo enléa ,  
 Gloria nosa , Miguel , relampaguêa ,  
 Nas tuas Orações , que exalta a Fama.

Quando sóltas a voz , que a tudo inflama ,  
 Que arrebatá , que enleva , e que recréa ,  
 Folga o Ceo , dorme o vento , o mar baquêa ,  
 Ablanda-se Plutão , que as trevas ama.

Seus tezoiros em ti os Ceos entornão ;  
 Do Lacio Tulio , do Piréo jocundo ,  
 As graças , e o candor teu peito exornão.

Tens , ó grande Miguel , genio facundo ,  
 Entre os Sabios , que a Patria , o Globo adornão ,  
 Olinda por Altar , por Templo o Mundo.

*Ao Sr. Miguel Joaquim de Almeida e Castro, ottimo Orador.*



S O N E T O.

A Penas oje o côxe diamantino  
Da Aurora bela o dia anunciava,  
Despido o terreo manto en adejava  
Ao sacro Templo do eficaz destino.

Ertilio consultei, Mago divino,  
Que a sorte dos mortaes patenteava,  
Se este dia feliz tambem estava  
Prêzo dos évos ao poder malino.

Tres vezes a cabeça então mença,  
E alegre asim me diz: «Tão fausto dia,  
» Que o Ceo namora, que o mortal recrêa,

« Em rico fuzo d'oiro a Parca fia,  
« E do monstro voraz, que Eróes golpêa  
« Refolga sobranceiro á foice impia.»

*Aos anos de um meu Amigo, o Sr. Francisco do  
Rego Barros.*

## S O N E T O.

Cantor melifluo , Cisne Mantuano ,  
 Que nas margens da fria Cabalina  
 Vibrando o plectro , alçando a voz divina  
 Fazes lembrar o encantador Elmano ;

Genio Venuzo , Imagem do Tebano ,  
 Que ergueu Tebas co'a lira perigrina ,  
 Que no abismo , em que impéra Proserpina ,  
 Domarás qual Orfêo o Deos Sumano :

Ah ! não cantes Jozino ; em o teu canto  
 Não sõe o necio Vate , que suspira  
 Sumergido em pezar , desfeito em pranto.

Canta o Gama , Ferreira , ao som da lira ;  
 Os Colegas fieis modula em quanto  
 Jozino suspirando arqueira , expira.

*Ao Sr. Manoel Ferreira Portugal.*

S O N E T O.

Canta o Pastor na Patria reclinado  
Em quanto o gado paze na espesura;  
Suspira á borda já da sepultura,  
O mizero da Patria desterrado.

Um no cazal paterno agazalhado  
Os mimos goza da fugaz ventura;  
Outro xeio de angustia, e de amargura,  
É da féa desgraça bafejado.

Aquele no regaço da alegria,  
Sem temer do cutelo o duro córte,  
Não conhece o pezar, nem a agonia.

Este, persegue-o tanto a iniqua sorte,  
Que para se alegrar em um só dia,  
Que para ser feliz espera a morte.

## S O N E T O.

TU, que libas gostozo a fonte pura,  
 Onde se banha o Nume esclarecido,  
 Caro Toledo, Cisne apeteçido  
 Nesta saudoza, rústica espesura:

Pragas em vão troveja, em vão murmura  
 Contra o teu nome o Tempo encanecido,  
 Pois nas azas da Fama ao Ceo erguido  
 Voa ao Templo feliz, que sempre dura.

O teu estro de loiros adornado,  
 Sobranceiro do Tempo ao duro córte,  
 A'-de ser no Porvir abençoado.

Que destino feliz! Que fausta sorte!  
 Tu serás pelo Tempo respeitado;  
 Eu não ei-de existir além da morte.

*Ao Sr. José Francisco Toledo.*

## S O N E T O.

A O sacro Templo de Iminção guiava,  
 A Marcia bela Jonio carinhoso,  
 E de niveos jasmins festão mimozo  
 As fronte d'um, e d'outro engrinaldava.

Curvo Ancião á porta os esperava,  
 E os conduziu ao Nume poderoso,  
 Que sobre um aureo trono luminoso  
 Aos amantes fieis as leis ditava.

Na pira divinal, que em xama ardia,  
 Metendo as mãos sem manxa modularão  
 Faustas preces, que o Numen lhes dizia.

Prostrados ao depois a fé jurarão;  
 E em sinal da aliança, que os unia,  
 As faces mutuamente se beijarão.

## S O N E T O.

Saudozo bosque, rustica espesura,  
 Que ouvis os meus lamentos dolorozos,  
 Negros ciprestes, montes escabrozos,  
 Não me negueis amiga sepultura.

Em fêa cova, abitação escura,  
 Onde encontrão prazer os desditozos,  
 Meus dias findaráõ, dias penozos,  
 Bafejados da baça desventura.

Neste medonho abrigo sepultado,  
 Tendo por socios móxos carpidores,  
 Serei com minha morte afortunado.

Sobre a campa se lêa: «Aqui, Pastores,  
 «Jozino está, Pastor desventurado;  
 «Morreu de ingratição, morreu de amores.»

## SONETO

A Parca dos mortaes pavor, e susto,  
 Não me infunde terror, não me intimida;  
 A gloria prézo mais, que a propria vida,  
 Morrer sendo fiel é doce, é justo.

O poder opresor, poder injusto,  
 A luzente secüre ao Ceo erguida,  
 O mar, a terra toda enfurecida  
 Não me acobarda, não, eu não me asusto.

Sobranceira ao temor, ao Fado, á Morte  
 Alma grande, que préza a singeleza,  
 Vê em paz o revez da iniqua sorte:

E em fogo divinal sómente aceza,  
 Quando a Parca lhe dá o extremo córte,  
 Diz com prazer *Adeos* á Natureza.

## S O N E T O.

DA estrondoza trombeta o som tremendo,  
 Que intimida, que aterra a humanidade,  
 Anuncia o Juízo, a Eternidade,  
 Do Mundo inteiro o ambito correndo:

Vém do Solio estelifero decendo  
 Nas azas de celeste Potestade,  
 Xcio de eterna gloria, e magestade,  
 O Deos, que está dos Ceos a terra vendo,

Do vasto Jozafit no val ingente  
 De Adão surgindo a próle do jazigo  
 Se ajunta, se une á voz do Onipotente.

Surge do Averno o perfido inimigo...  
 Está o inferno aberto... o Ceo patente...  
 Silencio, dice o mais, que eu mais não digo,



## SONETO.

**E**U deci á marmórea sepultura,  
 Onde Beliza fôra sepultada,  
 Ceos! que vi! cinza fria!.. terra!.. nada!..  
 Não vi beleza, graça, formozura.

A fulgurante mão de neve pura,  
 Que mil vezes por mim fôra beijada,  
 A rosêa face, a bôca delicada,  
 Já encantos não tem, não tem figura.

Eu xorava perdido o bem formozo,  
 Quando escuto uma voz enternecida,  
 Que saía do abrigo pavorozo:

« Vê no que estou, Jozino, reduzida:  
 « Eis aqui o meu rosto gracioso,  
 « Eis o fim dos mortaes depois da vida. »

## S O N E T O.

E M Setembro naci, no mesmo dia,  
 Em que naceu do Eterno a Filha pura;  
 Sube aos cinco fazer qualquer leitura,  
 E aos dez anos a Muzica aprendia.

Aos doze uma rebeca eu já tangia,  
 E mil versos compunha com doçura;  
 Aos quinze do latim tomei tintura,  
 E aos dezoito estudei Filosofia.

Estudei com prazer Quintiliano,  
 Em Dezenho empreguei a mocidade,  
 Quiz da sã Teologia entrar no arcano.

Eis, ó Rego, eis em que, Posteridade,  
 Já tem gasto o Saldanha d'ano em ano  
 Vinte, e dous anos, que oje tem de idade.

S O N E T O.

Já' no roxo Oriente da existencia  
Entre lírios renace a Primavera ;  
Formosa , qual será , qual é , qual era ,  
Dos entes aviventa a extinta essencia.

Das arvores a grata efflorescencia  
Nos ternos peitos mil encantos gera ,  
No cedro venerando reverbera  
Do imenso Deos , a imensa Onipotencia.

Salve , ó quadra gentil ! Eu te saúdo !  
Onrão-te a vinda as aves com seu canto ;  
Doce murmura o rio outr'ora mudo.

Brilhão os prados de mil flores xeios.  
Só eu , quando o prazer abrange a tudo ,  
Vivo entre sustos , vivo entre receios.

## S O N E T O.

Dos Nomes, dos mortaes, amor, encanto,  
 Paulo! Virginia! O' par, eu vos saudo!  
 Amavel Natureza! Eu verto mudo,  
 Tuas leis adorando, acérbo pranto.

Dias, mimos do Ceo, do Mundo espanto,  
 Disiparão-se: Amor, tu perdes tudo!  
 Tu deste a morte á Bruto, á Eitôr membrudo,  
 Junto ás margens, que réga o brando Xanto.

O Ceo, o Amor unio vosa ternura;  
 Fosteis no Ceo de Amor faróes brilhantes,  
 Oje sois (ó desgraça!) cinza pura.

Crecei, dai sombra, ó palmas vicejantes!  
 Almas ternas, saudai na sepultura  
 Duas Mães, dois escravos, dois amantes.

*A leitura da Novela = Paulo, e Virginia = me  
 forçou a compôr, este Soneto.*

## S O N E T O.

Vém, ó môso tardio, vêm depressa  
 Trazer-me esa botelha do alto Doiro;  
 Traze murta xeiroza, traze loiro,  
 Pois eu quero enramar esta cabeça.

Vém ligeiro, ó mancebo, não te esqueça  
 A do velho de Teios lira d'oiro.  
 Báco! Báco! Evoé! Que fausto agoiro!  
 Já novo estro a brillhar em mim começa.

Salve, ó Numen tirsigeropotente!  
 Vá mais esta botelha: que ventura!  
 Que gosto, ó caro amigo! Estás contente?

Ora sus bebe ao Doiro a ambrozia pura;  
 Quem ama Litiléo pezar não sente,  
 Nem recêa da Parca a foice dura.

*A uns anos.*

S O N E T O.

M O T E.

*Nova guerra me faz teu gesto brando.*

G L O Z A.

**J**unto ás áras do Nume , que troveja ,  
Que o Mundo fez brilhar c'um leve acéno,  
Inda aqui , Abaillard , suspiro , péno ;  
Inda Eloiza unir-se a ti dezeja.

Trávão dentro em meu peito ardua peleja  
O amor celestial , o amor terreno ;  
Ora em pranto banhada amor condeno,  
Ora a graça , que amor vencer forceja.

Se com trémula mão ao Ceo ofreço  
Xeirozo incenso , cantos entoando ,  
Parece extinta a xáma , em que pereço.

Eu me creio feliz . . . ó Ceo ! mas quando  
Minha alma te afigura . . . Eu te conheço . . .  
Nova guerra me faz teu gesto brando.

*Mote dado, e glozado de repente n'um Oiteiro em  
Santa Clara,*

---

ODE PINDARICA.

A' André Vidal de Negreiros, natural  
de Pernambuco, e seu Restaurador  
em 1654.

---

*Dos nascidos direi na nossa terra,*

CANÇÕES, Lus. Cant. 6.

---

*Strofe 1.*

**E**U (mil graças ao Ceo!) se em largos campos  
Não aro, não semeio  
Com malhados bezerros trigo loiro,  
Pedindo ao Vate Argivo a lira d'ouro  
Semeio nas campinas da Memoria  
Canções credoras de perpetua gloria.

*Antistrophe 1.*

As redes toma do Cantor do Ismeno,  
Muza canora, e bela,  
vomos etontes atropela,  
a tua carroça luminosa  
Ao bipartido cume;  
Cantores do Pindo, que emudeção  
teu imperio os Astros obedeção.

*Epódo 1.*

E mais ligeiro  
Do que o ribeiro,  
Que acelerado  
Discorre o prado,  
Serpenteando,  
Váe tu levando  
O teu carro á azul esféra  
Onde Fébo só impéra.

*Strofe 2.*

Fuja o profano vulgo ineto, e rude  
Para ouvir os Misterios,  
Que o altiloquo Vate patentéa,  
Quando alegre bebendo a clara véa



Da encantadora, diva Cabalina,  
Troca a vida mortal pela divina

*Antístrofe 2.*

Oh monte ! oh monte ao vulgo inacessível,  
Onde florêa Apolo !  
Quem, do etonte domando o bravo côlo,  
No teu eume fuzila brando canto,  
Quem cinge a donta frente  
Póde afoito dispôr da humana sorte,  
Dar vida ao sabio ; dar ao necio morte.

*Epódo 2.*

Se o grande Oméro  
De Aquiles fero,  
Que Eitôr procura,  
A paixão dura  
Não arpejára,  
Na linfa amára  
Dese lago celebrado  
Jazeria sepultado.

*Strofe 3:*

Se tórvos sopezando invita lança,

O' Muza , não podemos  
No campo sanguinozo de Mavorte  
Espalhar de uma vez terror , e morte ,  
Podemos , fulminando excelsos inos ,  
Dos umanos mortaes fazer divinos.

*Antistrophe 3.*

Levemos dos Eróes Pernambucanos  
A rutilante gloria  
Ao Templo sacrosanto da Memoria:  
Não deixemos em mudo esquecimento  
Tantos Varões famosos ,  
Que da inveja a pezar em toda a idade  
Entregarão seu nome á Eternidade.

*Epódo 3.*

Asim de Roma  
A gloria asoma ,  
Que do Latino  
Em som divino  
Relampaguéa  
De graça xéa ,  
Quando fere a doce lira ,  
Por quem Orion suspira.

*Strofe 4.*

Porém, ó Muza bela, o carro volta  
Aos altos Guararápes,  
Neles procura o forte Brasileiro,  
Tigre sedento, Lobo carniceiro,  
Que dardejando a espada em dura guerra;  
Faz tremar ao seu nome o Mar, e a Terra;

*Antistrofe 4.*

Ante os muros de Troia fumegantes  
Pélides furiozo  
Pela morte do amigo belicozo  
Mais estragos não vibra, nem ruinas;  
Nem o Aquilão fremente,  
Que, o pégo marulhozo revolvendo,  
Vae montanhas de espuma ao Ceo erguendo;

*Epódo 4.*

Brava procéla  
Tudo atropéla;  
Ao Belga forte  
Fulmina a morte:  
E o meu Negreiros  
C'os Brasileiros

Augura xeio de gloria  
Em seus bríos a vitoria.

*Strofe 5.*

Por cem bocas de fogo devorante ,  
Volcão impetuozo,  
Vomita o bronze atoador, e forte,  
Por entre denso fumo a negra morte ;  
E o nitridor ginete atropelado  
Respira fogo em sangue misturado.

*Antistrofe 5.*

O vibrado corisco tripartido  
Pela dextra divina,  
Ou subita estalando oculta mina,  
Tão rapida não é, nem tão ligeira  
Como o noso Camilo,  
Que leva enfurecido ao marceio jogo  
Fogo no coração, nos olhos fogo.

*Epódo 5.*

Prova, ó tirano,  
Fernambucano  
Valor preclaro ?

( 51 )

Negreiros caro  
Consegue o loiro  
De Eróes tezoiro,  
Conservando a invita espada  
No teu sangue inda banhada.

*Strofe 5.*

Será preciso, ó Muza, que sigamos  
O Eróe á toda a parte?  
Que ao Rio grande vamos, e á Baía,  
Onde calcou Vidal a força impia  
Do tirano Olandez, que ao seu aspeito  
Sente o sangue gelar no duro peito?

*Antístrofe 6.*

Descansemos do claro Paraiba  
Na margem abundante,  
Onde brinca Favonio susurrante;  
Brilhe tambem na vasta redondeza  
Esta illustre Cidade,  
Patria feliz do impavido Negreiros,  
Terror do Belga, amor dos Brasileiros.

*Epódo 6:*

Porém em tanto  
Suspende o canto ;  
Do teu auriga  
A' dextra amiga  
Confia o leme ;  
O Cisne teme ,  
Que, do Eróe cantando a gloria ,  
Talvez lhe manxe a memoria.

---

---

ODE PINDARICA.

*A' D. Antonio Filipe Camarão, natural  
de Pernambuco, e seu Restaurador  
em 1654.*

---

*Fiel à Patria, ao Príncipe, aos amigos  
Acaba, como vive.*

GARÇÃO.

---

*Strofe 1.*

**D**Ulcisono instrumento,  
Que de claros Eróes levaste o nome  
Ao alto Firmamento,  
Quando o Cantor do Ismeno  
O plectro audaz vibrava ;  
Eléva agora ao Templo da Memoria  
Novo Eróe, que brilheu no Ceo da Gloria.

*Antístrofe 1.*

De sãcro entuziãsmo arrebatado  
 Além da umana esfera,  
 O Argivo Cisne em metro não ouvido  
 Celebra o combatente,  
 Que o bravo Corredor domou valente ;  
 Ou nos Pitios combates valerozo  
 O triunfo colheo vitoriozo.

*Epódo 1.*

No Pégazo correndo o vasto campo  
 Dos nobres feitos do Brazilio Marte,  
 Vou colher sem demora  
 Flores em toda a parte,  
 E tecer-lhe depois em Dirce bela,  
 Ao brilhar do meu canto, uma capela.

*Strofe 2.*

D'entre larga espesura,  
 Ouvindo a voz da Patria, a quem oprime  
 A tirania dura,  
 Sãc Viriato forte,  
 Invito Luzitano,  
 E clamando vingança, e liberdade,  
 Resôa a voz na etérea imensidade.



*Antístrofe 2.*

Qual da Sicilia o monte pavorozo,  
Que, xámas vomitando,  
Entre nuvens de fumo tudo abraza;  
Qual Bóreas furibundo,  
Que, aberta a porta ao carcere profundo,  
Com estampido atroador soando,  
Váe as altas montanhas abalando.

*Epódo 2.*

Tal Viriato, a Patria defendendo,  
O Quirino soberbo desbarata;  
E, Tigre furiozo,  
Fere, atasalha, e mata:  
O Imperio Quirinal ao vê-lo geme,  
De susto xeio o Capitolio treme.

*Strofe 3.*

O Camarão potente,  
Indio famoso, illustre Brasileiro,  
Negro Aquilão fremente,  
É dest'arte, que busca  
O Batavo em Goiana;  
E, um dia inteiro em orrida batalha,  
Xovendo mortes, o inimigo espalha.

*Antístrofe 3.*

Tanto valor não tem, constancia tanta,  
O grande Eróe Troiano,  
Quando montado no veloz ginete  
Pela Patria peleja ;  
Troveja mortes , danos mil troveja ;  
Brilha o ferreo pavez auribordado,  
Açoita as ancas o cocár doirado.

*Epódo 3.*

Patroclo denodado , que atrevido  
Ante os muros Troianos aparece,  
Cedendo ao braço duro,  
Sucumbe , desfalece ;  
E o bravo Eróe, inda a pezar dos anos,  
Marxa na frente dos Eróes Troianos.

*Strofe 4.*

O Sipião famoso,  
O Belga em Santo Amaro derrotando,  
Cinge o loiro ditozo.  
Seu aspeito anuncia  
A fugida, ou a morte:  
De um lado á outro qual peloiro vóa,  
Sôa a vitoria quando o bronze sôa.

*Antístrofe 4.*

Mais velozes não forão na Sicilia  
 De Pompêo os triunfos,  
 Que avasalou inumeras Cidades  
 Com desumano estrago:  
 Nem do Eróe, que de gloria enxêo Cartago,  
 E que, sendo o terror da invita Roma,  
 Flaminio, Sipião, Marcelo doma.

*Epódo 4.*

Não póde estar em ocio descansado  
 O Eróe, á quem Mavorte inflama o peito:  
 Na illustre Paraiba  
 O Olandez é desfeito;  
 Cunhau, onde o Belga é triplicado,  
 Vê Camarão, e o Belga sujugado.

*Strofe 5.*

Sobre teu alto cume,  
 Erguido Guararápe, altivo monte,  
 Qual fulgurante lume  
 Por Jove dardejado,  
 Brilhar tambem o viste;  
 Quando todo em furor, desfeito em ira,  
 Vingança, e liberdade só respira.

*Antístrofe 5.*

Quanto é grato sustar da Patria cara  
A fugitiva gloria!  
Deste modo se alcança no Futuro  
Cubiçozo renome,  
Que o Tempo estragador jámais consome:  
É credora de inveja, é feliz sorte  
Pela Patria acabar com doce morte.

*Epódo 5.*

Agora, Muza minha, em Porto calvo  
Colheremos a flor mais fresca, e bela,  
Que á-de ornar do Guerreiro  
A brilhante Capela:  
Escape de uma vez o Eróe famoso  
Do cégo Tempo ao ferro sanguinozo.

*Strofe 6.*

Vibrando a longa espada,  
Ao lado marcha do Brazilio Espozo  
A nobre Espoza amada.  
No campo dos Troianos  
Camila furioza,  
Voando sobre a grimpa da seára,  
Mais triunfos á morte não prepara.

*Antistrophe 6.*

Asoberbão o Batavo nefando,  
O quente sangue espuma;  
Qual Belga foge, qual Brazilio fere;  
Quem evita o Mavorte  
Na espada feminil encontra a morte;  
Ambos assim cobertos d'alta gloria  
Alcanção do Olandez clara vitoria.

*Epódo 6.*

Brazilio Camarão, Indio Mavorte,  
Recêbe com prazer esta Capela,  
Que te consagra o Vate;  
Com ela adorna a frente;  
E da Fama loquaz no excelso Templo  
Aos futuros Eróes dá nobre exemplo.

## ODE PINDARICA.

*A' Enrique Dias, natural de Pernambuco,  
e seu Restaurador em 1654.*

---

### *Strofe 1.*

NÃO poso, Egregio Enrique, em larga cópia  
As lagrimas da Aurora oferecer-te;  
Nem de marmor luzente  
Padrões eternos contra o Tempo erguer-te;  
Porém ao som do plectro, que desiro,  
Com aureo canto eternizar-te poso:  
Dom de maior valia,  
Que cem colunas do opulento Efiro.

### *Antistrofe 1.*

Quãdo no Olimpico circo,  
Não mortal, todo Nume, o Argivo Cisne  
Da atropelada bóca

Novos vibrava audaciosos ínos,  
Quanto a rival Corina  
Raivava de escutar-lhe a voz divina!  
Quanto o mesmo ginete, que a vitoria  
Conseguiu ao Senhor, se enxêo de gloria!

*Epódo 1.*

Nem só de Ilio bateu Netunios muros  
O indomavel Aquiles,  
Quando em torno correu do Argivo campo,  
Largo ribeiro, o sangue de Patroclo:  
Nem o velho Nestor, que onrára Pilos,  
Transpoz sómente á vida o curto espaço.

*Strofe 2.*

Oh! mil vezes ditozo, o que da lira  
Tirando sons, milagres de harmonia,  
Que o Pataréo inspira,  
Rouba os Eróes do Tempo á foice impia!  
Ditozo, o que n'um frio esquecimento  
Não deixa sepultar a Patria gloria!  
Asim Camões divino  
Ergueu-te, ó Gama, eterno monumento:

*Antístrofe 2.*

Assim outr'ora Elpino,  
 Atropelando os Évos fugitivos,  
 Da imensa Eternidade  
 As bifores abriu formozas portas:  
 Quanta d'ali rutila  
 Brilhante gloria em Azamor, e Arzila!  
 Viste de novo Adamastor ferrenho  
 Sulcar teus mares Lusitano lenho.

*Epódo 2.*

Qual furor divinal de mim se apósa!  
 • Que sacro entusiasmo  
 Em grosos turbilhões me asalta á mente!  
 Onde me elevas impeto divino!  
 Oh Pasado! Oh Futuro! Eu vejo tudo,  
 Abrem-se os penetraes aos meus acentos.

*Strofe 3.*

Enrique! Lá me asoma em densa tréva  
 Do féro Belga a alta trinxeira invita!  
 Que clamor, que se eleva!  
 Que terror nos cercados, que se excita!  
 O bipene cutelo a Parca afia



No fuzilo dos elmos, das espadas;  
Troa o bronze inflamado,  
Que em xuveiros a morte despedia.

*Antístrofe 3.*

Como de balde intentas,  
Belga soberbo, te esquivar ao raio!  
Como!... Já se arremêsão  
Altas escadas ás trinxeiras altas;  
Já tremula a primeira  
Sobre as muralhas Portuguez bandeira;  
Já curvas, Olandez, com Fado escaso,  
A altiva frente do Africano ao braço.

*Epôdo 3.*

Freme na Estancia o belico Mavorte  
Fulminando ruinas.

Lá Dias aparece... ah! quão azinha  
Foge ao vê-lo a Batavia atrocidade!  
Asim de Eitôr fugia o Grego imbéle,  
Que as muralhas de Troia acometia.

*Strofe 4:*

Que confusão, ó Muza, que alarido!

O Ceo se encobre de negrume orrendo !  
Que estrondo nunca ouvido !  
Que sangue pela terra váe correndo !  
Que é isto !.. Mas lá sôa . . . « O Belga forte ;  
« Nas Salinas fugir em vão intenta ;  
« Enrique os atropêla ,  
« E á seu lado se espraia a negra morte. »

*Antistrophe 4.*

Tal do Eróe de Cartago  
Fugia á vista a Quirinal coorte ;  
Quando em Tresbia valente  
O Consul atrevido derrotára.  
Tal fuge temerozo  
Do açor cruento á garra fuçibunda  
O aereo bando de mimosas pombas.  
Tanto do Eitór Brazillio asusta o braço !

*Epódo 4.*

Como lá fuge ao ve-lo nas Tabocas  
O Batavo medroso !  
Como sem côr , sem vida , espavorido ,  
De susto xeio , no Afogado fuge !  
Como tresua navegando os mortos  
Na féa Barca o sordido Caronte !

*Strofe 5.*

Guararapes! abaixa o nobre cume;  
 O illustre Sipião lá váe sobindo,  
 Que nunca visto lume  
 Da fulgurante espada vem saindo!  
 Relinxa o nitridor atropelado  
 Sangue, e fogo no freio mastigando;  
 Lá sóa!.. lá começa  
 Dos peloiros o estrondo repetido.

*Antistrofe 5.*

Qual do cavallo vòa,  
 Qual sem cabeça corpo váe rolando,  
 Qual decepado braço,  
 Inda tremendo aperta a quente espada,  
 Qual sem dono ginete  
 Piza, e repiza galopando o campo...  
 Lá dá costas o Belga lá procura...  
 Nas densas matas o mesquinho abrigo.

*Epódo 5.*

Muza!.. porém já basta, descansemos  
 Um pouco a lixa d'oiro;  
 E entretanto conheça o Mundo todo,  
 Que entre o remoto Povo Brasileiro  
 Também se crião peitos mais que humanos,  
 Que não invêjão Gregos, nem Romanos.

---

## ODE PINDARICA.

*Ao Mestre de Campo Francisco Rebelo,  
xamado pela pequenez de seu corpo  
o Rebelinho, natural de Pernambuco,  
e seu Restaurador em 1654.*

---

*Dignum laude Virum Musa vetat mori.*

ORAT.

---

*Strofe 1.*

**B**Razileiros!.. de novo afino a lira,  
E o Nume de Patara,  
Que os lizongeiros Vates não inspira,  
A minha mente inflama.  
Tecei-me nova crôa,  
Filhas do Ceo, Razão, Ingenuidade;  
Pois agora acordando  
A' lira Brasileira os sons Argivos,  
Vou estampar o nome  
De Rebelo imortal na Eternidade.

*Antístrofe 1.*

Já da Apolinéa xama  
 Acezo turbilhão me dece ao peito !  
 Como um tropel de ideas magestozas  
 A mente me confunde !  
 Eu vejo, eu não me engano, o Delio Nume,  
 Que aos ouvidos me entôa altivos ínos :  
 O' Pindaro ! esmorece ;  
 Tu já tens um rival no amor da Patria,  
 No canto, que aos Eróes dá nome, e vida.

*Epódo 1.*

Longe de mim o vulgo boquiaberta,  
 Que não póde escutar os sons cadentes,  
 Que o Vate desencerra ;  
 Longe de mim a turma aborrecida,  
 Que á Lirica não sóbe, e que derrama  
 Versos sem alma, e só no nome versos ;  
 Longe, socios de Mevio, e não de Elpino,  
 Não de Filinto, Coridon, e Alfeno ;  
 Meiga pomba ululante  
 Não segue os vôos da ave do Tonante,

*Strofe 2.*

Vem, Aonio, á meu lado ouvir meus inos;  
 Vem prestar-me a lira,  
 Que oje tem de troar com sons divinos,  
 Quaes Diniz, que nos guia,  
 Ont'ora modulára;  
 Vem comigo cantar, deixa de parte  
 A arrufadiça Ulina.  
 Se devemos á Patria a nosa vida,  
 Demos-lhe a nosa fama,  
 Demos vida aos Erões, que á Patria a derão.

*Antistrofe 2.*

O' vós sombras divinas,  
 Manes de Enrique, Manes de Negreiros,  
 As campas sacudi, erguei a frente  
 Para escutar o Cisne,  
 Que roubou voso nome ás mãos do Letes.  
 Exultai! Novo Eróe váe ombrear-vos  
 Sobre as azas da Fama.  
 Teve parte comvosco nos perigos,  
 Váe ter comvosco seu quinhão na gloria.

*Epódo 2.*

Qual de Roma o guerreiro, que inda joven,  
Emulando de Marte a valentia,  
Venceu Numancia séra,  
Cartágo derrotou, deu leis ao Mundo,  
Foi doce á Patria, orrivel ao inimigo:  
Qual Condé, cujo nome portentozo  
Faz de Alcides lembrar os nobres feitos,  
E que, quando voava ao Marcio campo,  
Levava no seu braço  
O augurio não falivel da vitoria:

*Strofe 3.*

Rebelo ásim desfeito em xamá, em ira,  
A' toda a parte vóa,  
E onde asoma valor, audacia inspira.  
Treme de ouvir-lhe o brado  
O Belga esmorecido.  
Tu, Santo Amaro, o viste, quando inermé  
Provocando o inimigo,  
C'a espada trovejou raios de mortes,  
E, Ercules imitando,  
Rouba a vida á um Anteu c'os rijos braços.

*Antistrofe 3.*

Foge o Belga medroso ,  
 Foge á vista do Eróe ; porém aonde  
 Póde escapar ao raio ? O Eróe o segue ,  
 Asoberbando tudo.  
 Nada lhe embarga os pasos , nada o prende ;  
 Xameja , espuma , brame , os campos tála ,  
 Desmorona os redutos ;  
 E de sangue , e de gloria , e pó cuberto ,  
 Entre impios osos caros osos piza.

*Strofe 3.*

Mazurépe ! Já vòa em teu socorro ,  
 Dos olhos sintilando fogo ardente ,  
 Sedento do inimigo ,  
 O Eróe á cuja fama é pouco o Mundo.  
 Já !.. Que orror ! entre fumo , entre alarido ,  
 Xove o bronze mortifera granada ;  
 Cruzão lanças , a óste se derrama ...  
 Exulta , ó Mazurépe ! O Belga cede ,  
 Ante o Brazilio raio  
 Tudo é pó , tudo é cinza , tudo é nada.



*Epôdo 4.*

Novo campo de gloria se oferece  
     Ao Brasileiro Tigre :  
 Sigismundo a vingar-se lhe aparece.  
     O Belga desgraçado !  
     Porto-Calvo famoso  
 Por tres vezes te vio deixar-lhe o campo ,  
     Quando Rebelo forte,  
 A dextra o raio , o terrorismo á frente ,  
     Impavido asomando ,  
 Tudo era pouco a saciar-lhe a furia.

*Antistrophe 4.*

    Asim o antigo Persa ,  
 No esquadrão numerozo confiando ,  
 Aos da Grecia guerreiros se apresenta ;  
     Asim Flaminio bravo  
 A' gloria de Cartágo , ao fero Anibal ;  
 Tal em Neméa os bravos Sicianos  
     A' Pericles se oferecem ;  
 Assim nas margens ferteis do Garona  
 A aguia soberba foi lançada em terra :

*Epôdo 4.*

Taperica infeliz em ti devia  
Com a morte croar tantas vitorias,

Peloiro penetrante,  
Rompendo o peito forte, foi beber-lhe  
As fumantes entranhas inda quentes,  
E envolvido em troféos do seu triunfo  
Na campina Mavorcia teve a morte.  
Porém quando se xega ao Ceo da gloria

A existencia é pezada :  
Asim Tarena sobre o campo expira.

*Strofe 5.*

O' Patria minha, e d'ele! enxuga o pranto;  
Morreu; mas liberton-te,  
E de novo revive no meu canto,

Inda oje a sombra sua  
Te cerca a todo o instante,  
E c'os olhos em ti, asim te brada :

« Exulta, ó Pernambuco,  
« Dei a vida por ti; foi doce a morte;  
« Não te falta o meu braço,  
« Tu genios inda tens, que me asemelhão. »

*Antístrofa 5.*

O' Jovens Brasileiros,  
 Decendentes de Eróes, Eróes vós mesmos,  
 Pois a raça de Eróes não degenera,  
     Eis o voso modelo;  
 O valor paternal em vós reviva;  
 A Patria, que abitaes, comprou seu sangue,  
     Que em vosas vêas pulsa;  
 Imitai-os, porque eles do sepulcro  
 Vos xamem com prazer seus caros filhos.

*Epódo 5.*

Asim em Roma o brio dos Oracios  
 Nos recém-nados filhos vegetava;  
     Asim o egregio sangue  
 Em Termopilas dura derramado  
 Antolhava em-seus filhos vingadores:  
 Tomai deles o brio, a força, a manha;  
 Sêde sempre fieis á Patria cara;  
     Vós sereis Brasileiros;  
 Sereis Pernambucanos verdadeiros.

O D E.

*Ao Ilustrissimo e Reverendisimo Senhor  
Francisco Moniz Tavares, Deputado  
das Côrtes pela minha Provincia, e meu  
Amigo.*

---

ALmo Sol, que no plaustro de topazios  
Abres, e feixas com teu rosto o dia,  
E nos Reinos da maga Natureza  
Derramas doce influxo,

O teu curso acabou. Já no Zodiaco  
Dos doze Socios as moradas viste;  
E oje vás outra vez o mesmo sempre  
Recomeçar teu giro.

Mais rapido, que o raio sintilante,  
Enxeste allim tua anual tarefa;  
Foi-se um ano contigo, e já não resta  
Esperança de ve-lo.

Submergido no pélago do tempo,  
Absorvido no váo da Eternidade,  
Tê da sua existencia a imagem fraca  
Resvála da memoria.

Não brilha na estação da meiga Flora  
Rubro junquillo, pálida violeta,  
Senão para murxar, ai! caro amigo,  
Talvez antes da noite.

Eu mesmo, que oje escrevo, em poucos anos,  
Nem as Ninfas do placido Mondego,  
Nem as faias do Patrio Beberibe,  
Escutarão meu canto.

Nosa vida, Moniz, semelha o ano;  
Temos Verão, Estio, Outono, Inverno;  
Mas voltão Estações, e os nosos dias  
Nos fogem para sempre.

Após o Inverno vem a Primavera,  
Vem após esta abrazador Estio,  
E vem depois de frutos coroados  
O pomífero Outono.

O primeiro momento da existencia  
É o paso primeiro para a morte;  
Aparece o seu fim, sem nós sabermos  
Se avia começado.

A' tudo estêde o Tempo o seu imperio ;  
E assim como acabou Cambises , Xerxes ,  
Babilonia acabou , e oje Palmira ,  
É montão de ruinas.

A mente me afigura , que te vejo ,  
Volney , illustre Vate ! aí sentado ,  
Palpando os restos da Real Cidade ,  
E interrogando as sombras.

Constante em suas leis , a Natureza  
Nos faz iguaes no berço , e sepultura ;  
E só grandes ações podem lembrar-nos  
Na memoria dos omens.

Asim vivem Washington , e Franklin ;  
Asim vives , ó Páe da Pensilvania ,  
Cujo nome não pôde sem ternura  
Ouvir a humanidade.

Eis , meu caro Moniz , os teus modelos ;  
Segue seus pasos , como já tens feito :  
Tu tens seu coração , tu tens seu genio ...  
Terás a mesma sorte.

---

O D E.

*Ao Senhor Antonio Bento Pereira Anes  
Barreiros, Estudante do Terceiro Ano  
de Leis.*

---

*Le doux Printemps revient, et ranime à la fois  
Les oiseaux, les zéphirs, et les fleurs, et ma voix.*

LES JARDINS Ch. 1.<sup>er</sup>

---

I.

**R**Enace a Primavera,  
E os campos, em que outr'ora aparecia  
Em luto a Natureza,  
De flores se matizão:  
Brota o junquillo, a candida açucena,  
Surri nas margens bemmequer doirado.

## 2.

Que suave perfume  
 Derrama a violêta, a fresca roza!  
 O sentido jacinto  
 Parece que se esconde,  
 E no calis do lirio vergonhozo  
 Brinca Favonio, que ibernou té gora.

## 3.

Lança, ó quadra risonha,  
 Teus influxos na terra mal enxuta;  
 Tudo contigo vive:  
 Tudo sem ti perece.  
 Ah! quando voltas, quando influes benigna,  
 Cada campo um jardim, um Ceo o Mundo.

## 4.

Quanto xove de encantos,  
 Que a vista prendem, que embriagão a alma!  
 Os incensos da Arabia,  
 O Cinamomo, o balsamo,  
 Não é tão grato ao Arabe insofrido  
 Quando divaga nos sertões, que abita.



5.

Dêce estação primeira, (a)  
Dêce do seio da argentada nuvem. (b)  
Como, dêces formosa  
Doce manhã do ano! (c)  
Quem me dera o pincel do Elvecio Mosco (d)  
Para em rozeo painel traçar teu quadro!

6.

Mas que fado inimigo  
Esta minha iluzão disipa agora,  
Quando o Ceo me oferece  
A taça das delicias?  
Quem me rouba á minha alma a paz interna,  
A ventura maior, que almeja o Mundo? (e)

7.

Eu penetro o misterio;  
Falta á minha alma o gozo da amizade;  
Tudo é gosto com ella:  
Tudo sem ella é pena.  
Nacem os omens para amar-se todos,  
E quem não ama, a Natureza ofende.

## 8.

Goza , amigo , em socego  
 Os prazeres , que espalha a Primavera ;  
 E junto ao Vêz , ou Lima ,  
 Que já no leito corre , (f)  
 Onde outr'ora geméo d'Alcido a lira , (g)  
 Alcido , a gloria dele , à gloria nosa ;

## 9.

Ouve as magicas vozes  
 Da sensivel , queixoza Filomela ,  
 Quando Fébe disposta  
 Por detraz dos Oiteiros,  
 Ei-la no carro d'ebano estrelado  
 Raia de gloria Endimião buscando. (h)

## 10.

Como a liufa aparece  
 De ferventés estrelas marxetada!  
 O melro sonoro  
 C'o rouxinol contende ;  
 E apenas esta voz perturba agora  
 O silencio , em que dorme a Natureza.

11.

Lá se váe divizando  
Espaçozo Castelo derrocado,  
Já de musgo coberto:  
Nas remotas idades  
Aqui, onde oje vês ameno prado,  
Corréu de teus Avós o eróico sangue:

12.

Além alveja o campo,  
E os osos dos que á seculos vivêrão  
Erguem montes de neve;  
Parece que se escuta  
O clamor dos feridos, e o relinxo  
Do fogo, beligeró ginete.

13.

Oh Tempo! Eu reconheço  
Teu sêlo impreso nestes monumentos, (i)  
E eu te vejo em silencio, (j)  
Sentado entre ruinas,  
Demolindo Persepolis, Cartágo,  
Tébas, e Menfis, Tiro, e Babilonia.

14.

Aproveita os instantes:

O tempo, a vida foge, e a morte xega; (*l*)

A vinda não lhe impede

A fresca mocidade;

Piza com paso igual, derruba, tallia,

Soberbos torreões, pobres xoupanas; (*m*)

15.

Só fugiráõ á morte

Almos prazeres d'antemão gozados: (*n*)

Desfruta a Primavera;

E se acazo algum dia

Te lembrar, que aqui vivo, ah! toma a pena,

Suprão as letras de um amigo a falta.

16.

Não de outra sorte Ovidio,

Sotoposto ás estrelas, que Nctuno

Júmais em si banhára, (*o*)

Os amigos saudava.

Arte divina, dadiva celeste,

Falas aos olhos, á nosa alma pintas! (*p*)

Mas se a minha lembrança  
 Excitar em tua alma a dôr, o pranto,  
 Esquece-me de todo;  
 Eis meus unicos votos:  
 Eu antes quero, que de mim te esqueças,  
 Que sintas um momento, o que é saudade:



(a) Alguns Escriitores dizem, que o Mundo foi creado na Primavera. Esta idéa, por ser mais poetica, a adotárão os Poetas, por cujo motivo se compara á Primavera a primeira idade do omem. *Milton. Paraiz. Perd. C. 7. Virg. Georg. 2. v. 356 e segg.*

(b) *Thompson* Poema das Estações Cant. 1.

(c) *Gessner* xama a Primavera manhã formosa do ano.

(d) O mesmo *Gessner* inimitavel pintor da Natureza.

(e) *Orat. L. 2. Od. 15. v. 4 — 5.*

(f) *Id. L. 2. Od. 6. v. 3 — 4.*

(g) *Diogo Bernardes*, excelente Poeta, natural de Ponte de Lima.

(h) Pastor a quem Diana amava, e procurava entre as sombras da noite.

(i) *Mr. Thomas* Ode sur le Temps. Strof. 6.

(j) Certo viajante sendo perguntado por *Marmontel* a respeito do que vira na Grecia dos seus antigos monumentos: — *Eu vi o Tempo, que demolia tudo em silencio.*

(l) *Orat.* L. 2. Od. 11. v. 1 — 2.

(m) *Id.* L. 1. Od. 4. v. 13 — 14.

(n) Quantos pomos colheres precavido  
Na florente estação, terás de menos,  
Que lastimar roubados no avaro.  
Quartel da extrema vida.

*Filinto Elisio.*

(o) *Suppositum stellis unquam tangentibus equor.*

*Ovidio Trist.* L. 1.

(p) Expressão de *la Bruyère*, falando d'arte da escrita.

O D E.

*A morte de Napoleão Buonaparte.*

---

*Ce qu'il eut de mortel s'éclipse à notre vue :  
Mais de ses actions le visible flambeau,  
Son nom, sa renommée en cent lieux répandue  
Triomphent du tombeau.*

J. B. ROUSSEAU. L. 2. Od. 10:

---

**N**Ações do Mundo, parabens! é tempo,  
Volte de novo ao rosto a côr perdida:  
Reis da França, subi já sem receio  
Ao mal seguro trono.

Morreu Napoleão, raio da guerra,  
Que calcou dos Bourbons o antigo assento;  
Cujo nome inda mais, que os seus triunfos,  
Asombrou o Universo.

Mil vezes o cingiu de eterno loiro  
Em marcia lide prospera vitoria ;  
Gena, Austerlitz, Marengo, inda fumeção,  
Rios de sangue correm.

Tudo foi, tudo fez, não sendo nada :  
• Vin em monte á seus pés crôas, e cetros,  
E a Patria dos Catões, Sipiões, Marcelos,  
Sucumbiu ao seu braço.

Já não vive: seu corpo em breve é cinza;  
Mas seu nome, voando além dos tempos,  
Inda fará tremer, gelar de susto,  
As idades vindouras.

Exulta, ó Albião! Mas, ah! receia,  
Que o filho deste Eróe, crescendo a idade,  
Para vingar seu Páe não te reduza  
Em pouco tempo á cinzas.



## O D E.

*A' um Rouxinol.*

Que suave, que angelica harmonia  
De tremulo raminho  
Derramas, Filoméla, inda queixoza  
Da tua desventura !  
Quanto é grato, que toda a Natureza  
Por ouvir-te, emudeça,  
E que a terra de flores se matize !  
Não vês como nos xópos  
O brando pintasirgo, o doce melro,  
Suspende a voz sonora,  
Para gozar teu canto, que respira  
Ternura, amor, saudade ?  
O mesmo caçador mais desumano  
Não se atreve a ofender-te,  
E se acazo o pertende, a ouvir teus inos,  
Rompe as sétas, e o arco.  
Canta, ó doce avezinha, as almas prende,  
As almas arrebatá ;

E se a meiga Tircéa por ouvir-te  
     Buscar este retiro ,  
 Redobra o teu trinado , o teu gorgoio ;  
     Mas se ela , estimulada  
 De te ouvir , desatar a voz celeste ,  
     A voz encantadora ,  
 Silencio ! escuta ; aprende ; é mais suave  
     A sua voz , que a tua .



O D E.

*Ao Senhor Manoel Odorico Mendes.*

JÁ do gelado Norte,  
Caro Odorico, o procelozo Inverno  
Deixa as negras cavernas,  
Sacudindo das azas gotejantes  
Saltão granizo, e gelo.  
Tremem de ve-lo os álamos frondozos,  
E os écos asustados  
C'o fragôr do trovão, em quanto aceza  
Elétrica faisca  
A'ra o campo do Ceo, que a noite enluta,  
Alongão o bramido  
De monte á monte nos crestados campos.  
Corre turvo o Mondego,  
E ao Nauta, que demanda incultas praias,  
Que malfadou Colómbio,  
Ora se antollta Uranio, ora se antollhão  
Os Paços de Amfitrite  
No imenso leito das ceruleas ondas.  
Oh! mil vezes ditozo

O Sabio, que asentado ao lar, que acende  
     C'os poucos sécos molhos,  
 Que ali juntára de podadas vides,  
     As frias mãos aquece!  
 Vê junto a si os rotos, caros filhos  
     Em derredor sentados,  
 Ou já lhes pinta da virtude as graças,  
     Ou lhes afeia o vicio:  
 Sofre continua mísera penuria:  
     « Mas sã conserva a mente: »  
 Não teme Radamanto, nem lhe asusta  
     O vulto do tirano.  
 Assim eu vejo Coridon sentado  
     As lagrimas limpando,  
 Que em rios banhão a enrugada face.

O D E.

*Ao Senhor Jozé Francisco de Paula.*

NÃO sei quando o meu Fado rigorozo,  
Cansado de affligir-me, á-de algum dia  
Outorgar-me viver, longe de intrigas,  
De ti, meu Paula, ao lado :

Ver unidos dous seres, que a desgraça  
Desune, a meu pezar, e o Ceo nnira,  
Poder cantar teu nome reclinado  
A' sombra do ingazeiro :

Gozar o Ceo do Mundo, e venturozo  
A's magoas, aos queixumes dar as costas,  
E d'alvas buguaris cingindo a frente,  
Brincarinos, divertirnos.

Embora então o Inglez Americano  
Povõe o mar de asustadoras quillias,  
Quebre as cadêas ao terrivel Corso,  
Que geme em Santa Elena.

A enxuto paso trilhe o Ruso forte  
O Wistula, o Danubio: que me importa?  
Tranquillos ambos, para nós o Mundo  
É um ser metafizico.

Senhores de nós mesmos, e de tudo,  
Pois nada dezejamos, mais Senhores,  
Os Monarcas, que regem o Universo,  
Não serão mais ditozos.

Que facil é sonhar felicidades!  
Já me cria á teu lado; já me cria  
Com um Ceo entranhado dentro d'alma,  
D'alma, que te ama tanto.

Porém mudou-se a cena; e eu só me vejo  
Pelas sétas da angustia traspasado,  
Unas traz outras, que as mal sãs feridas  
Reabrem, reverdecem.

Ditozo Aquiles por cantar-te Oméro!  
E mais ditozo ainda porque unido  
Viveste com Patróclo, até que a Parca  
O fio lhe rompese.

Que docuras gozaste nos deis anos,  
Em que, de Agamenon fugindo á vista,  
Dormias á seu lado, e á seu lado  
Te erguias alto dia!

Quem me dera gozar de igual ventura !  
Dera por ela a vida, eu a alma dera,  
Dera ... porém, que Nume inexoravel  
Me malfadou no berço !

Que presta a vida de um amigo auzente,  
De um amigo, que é vida, é alma dela?  
Ceos ! ou dai-me este amigo, ou dai-me a morte,  
Se a morte acaba tudo.

## O D E.

*Ao Senhor Antonio Joaquim de Melo.*

O Utr'ora , Aonio , quando o Cintio Nume  
A seticorde lira me afinava ,  
Soltando a voz em não somenos cantos ,  
Dei claro nome á Patria.

Do bravo Enrique o não umano esforço ,  
A' Patria prestadio , alcei ao Templo ,  
Onde brilhão Eróes , que o divo Oméro  
Cantou com voz sonora.

Do illustre Camarão , do grão Negreiros,  
Roubei o nome ao deslebrado Letes ;  
A virtude cantei , esa virtude ,  
Que já não tem altares.

Da branca Buguari encantos meigos ,  
Que Melizo gozou cantei outr'ora ,  
A quem Jove mudára em flor mimoza ,  
E em beijaflor o amante.



Cantei o dia , em que , rompendo os ferros ,  
Que o barbaro Olandez lançára á Patria ,  
O Brazilio valor cingiu na frente  
O loiro da vitoria.

Porém agora , que o prazer me despe ,  
Já não atino com as cordas d'oiro ;  
Das mãos me cae o desleixado pletro ,  
E a mente se enoitece.

Qual nas florestas o leão já velho  
Do orelhudo animal escoiceado  
Que ergue a cabeça ; porém já não póde  
Dar-lhe a farpada garra.

## O D E.

*Aos anos de um Amigo.*

Comeces, caro amigo,  
Com agoiro feliz teus novos anos;  
E o Ceo (se acazo escuta  
O meu piedozo rógó)  
De gosto os abrilhante.

Escapa a nosa vida;  
Ah! Jonio, o tempo fuge: apoz seu carro  
Voão nosos prazeres,  
E o palido Caronte  
Cedo nos mostra a barca.

Desta vida os instantes  
Nos braços da amizade os aproveita;  
Pois só no seu regaçó  
Podem da vida os males  
Tornar-se um leituário.

---

O D E.

*Ao R. Senhor Francisco José Tavares  
Gama.*

~~~~~  
*Non omnia possumus omnes*  
~~~~~

Impavido o Quintêla, ó caro amigo,  
Do liquido elemento o campo sulque;  
Confie o maior bem de um tosco lenho  
A' descripção dos ventos.

Do ceruleo, volúvel Oceano  
Em fôfos escarcêos o mar branqueje,  
Fremão de um lado, e d'outro as negras ondas  
Dos Euros açoitadas.

Na apinhoadá enxarcia o rijo Notô  
Silve desenfreado, orrível brama;  
O mizero baixel conduza, e leve  
A's regiões etérias.

« De orrenda cerração croada a noite , »  
Vôe o rouco trovão de Pólo á Pólo ;  
Inflamada nos ares relampeje  
Elétrica faisca.

Nada asusta , meu Gama , nada afronta ,  
A constancia do Gama , e do Colombo ;  
E nem d'outros Eróes , que em toda a idade  
Ao Tempo se esquivarão.

Mas de um Vate , meu Gama , acostumado  
Só do Permeso á placida corrente ,  
Do Gnidio Nume ás magicas delicias ,  
Afronta , abate , e doma.

A' vista do Comicio Ateniense  
Mostra o Grego Orador constancia rara ;  
Foge no campo á vista das falanges  
Do perfido Filipe.

Todos não são Tirteus , Camões , Bernardes ,  
Que , a espada n'uma mão , e n'outra a pena ,  
Triunfando no campo de Mavorte ,  
Cantavão seu triunfo.

Tanto exaltou a Grecia o divo Oméro ,  
O filho de Peleu ao Ceo levando ,  
Como o grande Alcibiades sfoito  
A' testa dos combates.

Por diversas veredas se encaminhão  
Ao Templo da Memoria os Genios claros ;  
Segue Paulo os vésstigios de Mavorte ;  
Camões os de Virgúlio.

Se em mim não á valor, não á constancia  
Para em fraco baixel, tosco madeiro,  
Domar do Oceano as rispidas procelas ;  
As carrancudas vagas :

Poso adornar de loiro a nivea fronte,  
E, ferindo gostozo a branda lira,  
Roubar teu nome illustre, ó caro Gama,  
A's mãos do esquecimento.

---

O D E.

*Tradução da Ode 3 do Livro 4 de Oraciosa*

A Quele, a quem, Melpomene, tu vires  
Uma só vez c'os olhos teus benignos,  
Não se fará illustre nos combates,  
Nos jogos de Corinto.

Nem o veloz ginete em leve carro,  
Mais ligeiro, que o mesmo pensamento,  
Pelas praças da Acaia venturoza  
O levarão triunfante.

Nem de loiro cingido ao Capitolio  
Subirá vencedor tendo sugeito  
O orgulho ameaçador dos Reis soberbos  
No campo de Mavorte.

Porém nas margens de sonóra fonte,  
A' sombra fresca de álamos copados,  
Fará seu nome aos évos sobranceiro  
Nos Liricos Poemas.

Senhora do Universo a augusta Roma  
Entre os Líricos Vates me numéra ;  
Já debalde morder-me agora intenta  
A desditoza inveja.

O' Muza , que tempéras os acordes  
Da branda lira , em que Orion pulsava !  
Que podes dar , querendo , aos mudos peixes  
A grata voz do Cisne !

Tu fazes , que os Romanos me decantem  
Feliz imitador do Argivo Cisne ;  
Se inda vivo , se agrada a minha lira ,  
Tudo é dadiva tua.

---

O D E.

*Ao Senhor José Francisco Toledo.*

Toledo caro , o despido inverno ,  
Filho da Noite , pavoroso xega ;  
Sacode as azas , calvejar começo  
Os altos montes.

Trovão medonho , que as montanhas move ,  
De quando em quando repentino sóa ;  
Fendendo os cumes , derrubando as faias ,  
Fuzila o raio.

Transcende o rio as dilatadas margens ;  
O môxo pia no escondido xopo ;  
D'altas montanhas susurrando decem  
Largas torrentes.

Balando aflito o temerozo gado ,  
Todo se encolhe , se arripia todo ;  
Geme saudoza no intrincado bosque  
Timida rôla.



Fiel Toledo, que estação penosa!  
Comigo geme a Natureza em luto:  
Longe da Patria, dos amigos longe,  
Que presta a vida?

Neste sepulcro da existencia triste,  
Onde me falta até do Ceo o abrigo,  
Sómente espero ter prazer um dia  
Na sepultura.

## O D E.

*Ao Senhor Manoel Carlos Velozo.*

**N**em sempre dura o carrancudo Inverno,  
 Nem os Alpinos montes  
 Se vêm cobertos de crestante gêlo.  
 Nem sempre a Estação bela  
 Disparge flores, avigora os entes,  
 E o pomífero Outono  
 Mimosos frutos nos arbustos cria.  
 Nem sempre, das Eolias  
 Cavernas soltos, Aquilões, e Notos  
 Aos tristes navegantes  
 Sustos motivão, tempestades cauzão.  
 Só tu, caro Velozo,  
 A's-de sempre xorar a infausta morte  
 De teu Páe estimavel,  
 Teu amigo fiel, que dezatado  
 Da materia corruta  
 Além dos Astros gloriozo vive?  
 Basta de pranto, amigo;

Par morrer sómente é que se vivê,  
 Que se goza da vida ;  
 Sem morrer se não vive eternamente.  
 Tudo o que existe morre ;  
 Avemos todos nós na imunda Barca,  
 Na Barca de Caronte,  
 Sulcar o lago placido, e limozo :  
 Todos nós igualmente  
 Avemos suportar o golpe duro  
 Do ensanguentado alfange :  
 O Monarca no trono sublimado,  
 O Pastor na xoupana,  
 Ao mesmo tempo o negro braço corta.  
 Basta de pranto, amigo ;  
 Alegra-te, Velozo, e com a lira,  
 Que te cedeu Apolo,  
 Eterniza os Eróes, que sepultados  
 No esquecimento jazem.

O campo vasto,  
 De verde verde,  
 No prado verde  
 De amar contenta ;  
 Ouve-lhe a frente  
 Vem-lhe a mão.

Ave não seja  
 Não se ninguém.

---

ODES ANACREONTICAS.

ODE I.<sup>o</sup>

Ó GALO DE CAMPINA:

*Sigo teus vãos,*

*Genio divino,*

*Cantor da Gloria,*

*Sonoro Elpino.*

---

Campino Galo,  
De garbo xeio,  
No prado vòo  
De amar contente;  
Orna-lhe a frente  
Vermelha cròo.

Ave tão bela  
Não viu ninguém.

---

Colar purpúreo  
Lhe adorna o peito;  
Quando ele entôa  
Doces amores ,  
Por entre as flores  
A voz rezôa.

Ave tão bela  
Não viu ninguém.

---

O D E 2.<sup>a</sup>

O X E X É O.

X Exéo engraçado,  
Gentil mangador,  
Das aves Brazílias  
O encanto, e a flor.  
Quem póde igualar-te  
Mimozo Cantor!

Orfêu sonorozo  
Asim não cantava,  
Quando a Espoza bela  
Do Erébro xamava,  
E as mágoas em cantos  
De amor transformava.

Das aves imitas  
O vario gorgeio,  
No canto suave  
De harmonia xeio;  
Dos omens, dos Numes  
Es doce recreio.

Adorna teu corpo  
Negraloira còr,  
Teu canto respira  
Ternura, e amor.  
Quem póde igualar-te  
Mimozo Cantor!

Deus seja  
Ainda, sempre  
O que sempre  
Que seja o sempre  
Neste mundo, que é sempre  
Que seja o sempre  
Deus seja  
O que sempre  
Que seja o sempre  
Neste mundo, que é sempre  
Que seja o sempre  
Deus seja  
O que sempre  
Que seja o sempre  
Neste mundo, que é sempre  
Que seja o sempre

O D E 3.<sup>a</sup>*O PONXE DE CAJU.*

DO loiro cajú,  
Analia, bebamos  
O ponxe gostozo,  
Que aviva o prazer;  
Mais grato, que a ambrozia,  
Que Jove no Olimpo  
Se apraz de beber.

Oh! como é formozo  
O pomo suave  
Ao xeiro, ao padar!  
Se pomos tão belos  
Atlanta gozára,  
Os d'oiro deixando,  
Nem quizera ve-los.



Triunfe Alexandre

No rôxo Oriente,

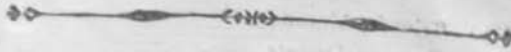
Que Baco domou:

Deixa-lo vencer;

Analia, eu só quero

O ponxe agridoce,

Comtigo beber.


 O D E 4.<sup>a</sup>

Nada tenho, nada quero;  
 Vivo alegre, e satisfeito;  
 A ambição, Marília bela,  
 Jámais entrou no meu peito!  
 Um Poeta não dezeja  
 Ir buscar em cavo lenho,  
 Afanozo, e deligente,  
 As pérolas do Oriente.

Tenho a lira encantadora  
 Do sonoro Anacreonte,  
 Com ela teu nome canto  
 Quer no prado, quer no monte;  
 Em teu seio reclinado  
 Paso a noite, paso o dia.  
 Quem tanto póde alcançar,  
 Que mais tem, que dezejar?

CANTATA 1.<sup>a</sup>

*Ao Natal.*

A Estrela do Oriente,  
Dos Astros flamejantes o luzeiro,  
Rompe da noite o denegrido manto.  
    Dos álamos copados  
    Alticadentes aves,  
Xeias de gosto, de alegria xeias,  
Sonoros cantos de prazer entoão.  
Rompein os ares as cadentes vozes,  
    E ao claro Firmamento  
Qual fumo sobem de xeirozo incenso.  
As Pastoras gentis, gentis Serranas,  
Com mimosos festões de brancas flores,  
    E vermelhas tecidos,  
Os arbustos enlação, que florecem;  
    E c'as belas Nereides,  
Que adornadas de conxas diferentes  
    Na côr, e na beleza,  
Do argento salso a abitação deixárão,

O dia festejando, alegres cantão.  
 Das ovelhas os candidos rebanhos  
 Alegres brincão pelo prado ameno  
     C'os lobos sequiozos.  
 Tudo anuncia já, que tem xegado  
     O apetecido Infante,  
 Que vem quebrar os ferros, que nos prendem  
     A' escravidão da culpa;  
 Ter já nacido o Principe da Gloria  
     Das Nações dezejado,  
 O Rei do Reis, Libertador do Mundo.  
 Glorias, á Deos no Ceo, o Ceo tribute;  
 A paz seja na terra aos omens dada.  
 Xegou a luz, que as trevas alumia,  
     Que o Ceo aformozêa;  
 O Infante prometido aos Patriarcas  
     Desde os primeiros tempos.  
 O Cordeiro de Deos, Verbo Divino,  
 De uma Virgem naceu, connosco abita;  
 Nós sua gloria vimos semelhante  
     Do Eterno-Padre á gloria.  
 Brillhantes Legiões de alados Genios,  
     Em quanto além dos Astros  
 Uns decantão o Páe, na terra o Filho  
     Outras alegres cantão;  
     E ao som melodiozo  
     Dos timpanos, e côros

- Deste modo aos Pastores anúncião  
 Do seu Rei a xogada.
- « Vinde, ó Pastores, a Belém ditoza  
 « Ver em tosco presépe
- « Ó Deos, á cujo aceno o Mundo treme ;  
 « Para os omens nacido.
- « Oje principio teve
- « A mágoa de Satán, a gloria vosa,  
 « A mágoa de Satán, que sobre o trôno,
- « A' que servem de baze os vicios torpes ;  
 « Cingida a fronte da feroz soberba,
- « Irado, enfurecido,
- « Freme, aucêa, delira, espuma, e brame ;  
 « E viboras de fogo
- « Lança da bôca de veneno farta:  
 « O trôno balancêa,
- « E o Averno preságo
- « Da inevitavel, proxima ruina,  
 « Treme todo asustado:
- « Brame do Averno a reprobta catervá,  
 « E os medonhos bramidos
- « Pelas cavernas orridas retumbão.
- « Vinde, ó Pastores, inos modulando  
 « Ao dezejado Infante,
- « Próle do Deos Eterno.
- « Xegou em fim o dia abençoado,  
 « Por quem tanto os antigos suspiravão:

« Cantemos ao Senhor um novo Cântico ,

« E além dos Astros nosos cantos voem.

« Sejas festivo dia em todo o tempo

« Dos felices mortaes bemdito sempre.

« Oh felices humanos !

« Oh bondade sem par de um Deos imenso ! »

E tu , Jeruzalem ditoza , e bela ,

Que gemes oprimida

Com as correntes vis , que te subjugão ,

Que o côlo te comprimem ,

Acorda , acorda do pezado sono ,

Em que estás sepultada ;

É tempo de romper esas cadêas

De injuria , e de desdoiro.

Levanta-te do pó , que te enegrece ;

Toma os teus ornamentos de alegria ,

E do teu peito aflito

Em jubilo se mude a mágoa , a pena.

É xegado o teu Rei , o Deos Eterno ,

Que vem a libertar-te.

Vem de candidas vestes adornada

A engraçada Belém , onde nacido

Respira o doce Infante.

Arabieos incensos

Queima em torno ao presépe , e o denso fumo

Do Eterno Páe ao Solio flamejante ,

Rompendo os ares , xegue.

O teu Libertador aplaude , e canta ,  
Ao canto angelical teu canto unindo ;  
E de jasmims , e rozas ,  
O ditozo prezepe enfeitado , esmalta ,  
Em quanto ao som da lira  
Este ino alegre canto.

O Deos do Universo  
Potente Senhor  
Naceu oje umano  
Pelo noso amor.

Tomando de servo  
Umilde figura ,  
Vem da creatura  
Ser Libertador.

---

---

CANTATA 2.<sup>a</sup>

*A' Resurreição.*

---

*Surrexit.*

MARC. C. 16. v. 6.

---

Que alegria, que gloria te reveste  
Jeruzalem formosa! Que brilhante,  
Rompendo as densas nuvens congregadas,  
Em rózea nuvem, que seu carro doira,  
A Aurora, percorrendo ao sol nitente,  
Se mostra alegre e bela!  
A meiga Natureza,  
Té gora em luto envolta,  
Rizonha me aparece.  
Porém, oh Ceos! que vejo! que mancebo  
Em nuvem matutina  
Se apresenta á meus olhos! A madeixa  
É como a lâ nevada : (a) xamejantes

---

(a) Apocalipso. C. 1. v. 14,



São os olhos formozos : (a)

O seu rosto de gloria radiante ,  
Fulge , qual no apogeu resplandecente

O intonso Delio brilha. (b)

Igualão ao metal seus pés luzidos : (c)  
Um luminoso véo seu corpo encobre :  
« De alados Genios candida falange »

Incensos lhe oferece.

Es tu , JESUS , tu es o triunfante ,  
Que , levando cativo o cativoiro ,  
Venceste a negra morte ,  
A morte , que amedronta

Os mizeros humanos , que atrevida  
O culto levantára.

Triunfaste , JESUS , dese tirano ,  
Que em medonhas , estridulas correntes  
Prendia os filhos de Eva enganadora.  
Salve , dia de paz , dia de gosto ,  
Pelos antigos Vates prometido !  
Dia , em que as antigas profecias  
Tiverão cumprimento ; alegre dia  
Dos velhos Patriarcas suspirado.

---

(a) *Apocalipse*, C. I. v. 14.

(b) *Id.* *ibid.* v. 16.

(c) *Id.* *ibid.* v. 15.

Curvemô-nos, Mortaes, ouçamos todos  
Os versos, que modulão  
Os Anjos, que do Ceo em turma decem,

Alegre-se a terra,  
Suspenda o seu pranto,  
Jezus, noso encanto,  
Ficou vencedor.

Venceu com a força  
Do braço potente  
A Parca insolente,  
Que infunde pavor.

Alcançou vitoria  
Do cruel tirano,  
Que xora seu dano  
No cáos de orror.

Levando cativo  
O vil cativeiro,  
Foi do Mundo inteiro  
O Libertador.

Alegre-se a terra,  
Suspenda o seu pranto,  
Jezus, noso encanto,  
Ficou vencedor;

---

## DITIRAMBO I.

*Ao Senhor Francisco Carneiro Maxado  
Rios.*

---

*Nunc est bibendum, nunc pede libero  
Pulsanda telus . . .*

HORAT.

---

É Tempo de beber, caro Fileno,  
O doce néctar,  
Que nos lagares  
Aferrolhado,  
Era guardado  
Para este dia.  
Vem, meu Fileno, bebamos rapidos  
O doce netar, o mosto rubido,  
Que os velhos frigidos  
Avigóra,  
Restaura,  
Córa  
As engilhadas, amarelas faces.

Peian ! . . Evoé ! . .  
 Teu doce mosto ,  
 Licôr sagrado  
 Venha doirar-nos  
 Tão fausto dia.  
 Báco ! Báco ! Evoé !  
 Bebamos , Fileno ;  
 As taças formozas  
 De verdes pampanos ,  
 Da rama Báquica ,  
     Adornadas ,  
 Xeias de ambrozia  
 Na meza estão .

Evoe !

Empina , meu Fileno , as taças d'oiro

Neste dia á teus anos consagrado ,

Que as Parcas fiem

Sonóros anos .

Os Rizos , Agrados ,

Mimozos Amores ,

Croados de flores

Em torno das taças

Estão adejando ,

E o nétar libando ,

Que eu libo tambem .

Evoé !

Bebamos , Fileno ,

O licôr saudavel ,  
Que os corações  
Alegra ;  
Que sufoca a tristeza , que os oprime ;  
O rubi gostozo ,  
Que graças inspira.  
Behamos , Fileno ;  
« O noso Universo ,  
« Não pasa d'aqui. »  
Más , Fileno , que sinto !  
Falta-me a terra ! ..  
O tétó dança ! .. danção as paredes ! ..  
Minha cabeça rodêa ! ..  
Cambaleio ! .. Lieu , Lieu , acode  
Ao candido Vate ,  
Que affito baquêa  
Na rubida véa  
Do grato licôr.

---

 DITIRAMBO II.

**B**A'co! é tempo : xegou a Primavera ;  
 Remóça a Natureza ;  
 Mas a sua beleza  
 O que será sem ti ?  
 Eia , ó mancebo , traze-me rapido ,  
 Lesto , presto , e represto ,  
 Esa clara botelha ,  
 Em que outr'ora bebeu Anacreonte.  
 Como a vista deleita !  
 Como embriaga o xeiro !  
 E inda á quem diga , que o suavè mosto  
 Faz mal á gente ?  
 Báco ! Báco ! E que fazes ?  
 Levanta o tirço , enxota eses malvados ,  
 Que o teu licôr desdenhão.  
 Não se lembrão do incauto ,  
 Que em ave transformaste.  
 Mancebo , não te esqueças ,  
 Traz-me croas de rozas ,  
 Não desas . . . não sei d'onde ; mas daquelas ,  
 Que cingião o velho ,

O velho . . . bem me entendes.

Eia, ó Báco, lá váe: viva o mancebo

A quem a velhice cruel, rabujenta,

Jámais atacou.

Mas que som me soon

A' dextra orelha? . . . Ele parece guerra;

Parece . . . lá se avenhão.

Báco é meu Nume, Báco me defende.

Vá mais esta botelha

Ora á saúde disto.

Nosa vida é tão curta, que me importa

Com o que váe no Mundo?

Eu não sou Rei, nem Duque, nem Morgado,

Nem Geral dos Bernardos.

Vem, meu Báco, embriaga-me este peito.

Belo! Estou já contente.

Venha agora quem fôr, nem Carlos Magno,

Com esa Caterva de Pares famosos,

Nem Ferragús, nem Ferrabrás, nem D. Quixote,

Nem o Diabo mesmo

Póde agora comigo.

Báco, quanto te devo!

Báco! Báco! Evoé!

Lieu! Lieu! Litileu!

Evan! Evan! Basareu!

Peian! Peian! Saboé!

Que doce, que grato

Não é á um Poeta

Ter á Báco por socio, e por amigo!

Diga-o por mim Elpino.

Eu não quero mais nada;

Seja Rei quem quizer: eu tenho crôas

De rozas, e de parras: tenho cetro

De frondifero tirso.

Tudo o mais não me importa, eu sou quem sou;

Sou eu mesmo.

Graças á ti, ó Báco!

Mancebo, ainda é preciso, que eu te diga?

Tu não vês as botellas esgotadas?

Traze do generoso,

Saltante, espumozo,

Quero fartar esta alma Bâquicúpida;

Quero morrer bebendo;

Antes asim morrer, que de uma bálá,

Como morreu Turena;

Foi Eróe, foi guerreiro muito embora,

Que pela alma lhe preste.

Quanto a mim mais feliz, mais venerando

Foste, illustre Valverde, ó Genio raro,

Que acabaste entre copos, e botellas;

Que viveste contente, e apóz a morte

Das pétas o Cantor cantou-te a vida. (a)

---

(a) José Daniel R. C., asim xamado por Bocage.





## ÍDILIO.

Vem, minha lira, vem carpir os males  
De um triste, que suspira disterrado ;  
Vem, sonoro instrumento, já que a sorte  
Iuda me deixa a tua companhia  
No abismo da desgraça, em que baqueio :  
Tu cantavas também quando eu cantava,  
Agora gemerás, que eu triste gemo ;  
É tempo de gemer, geme comigo.

Agora, que, o seu manto desdobrando,  
A negra Noite a escuridão derrama,  
E os Pastores alegres nas cabanas  
Sobre a rama virente se reclinão :  
Agora, que o silencio cuidadoso  
Pasça a pé descalso os fundos vales  
Com o dedo na bôca ; é tempo, oh lira !  
É tempo de gemer, geme comigo.

Os noitibos nos bosques escondidos  
 De quando em quando solitarios pião;  
 A noturna coruja, que adejando  
 Inda mais com seu canto me entristece;  
 A agoreira peitica solitaria,  
 Que do velho engazeiro affita geme;  
 Tudo a gemer, oh lira! me convida:  
 É tempo de gemer, geme comigo.

Eses dias, oh dias venturozos!  
 Em que á sombra do basto cajueiro  
 Sonoros ínos, canticos suaves  
 -Modulemos, oh lira! (quem disera!)  
 Já fugirão de nós, já se pasarão  
 «Mais deprésa, que o lume fuzilado;»  
 O tempo de gemer só resta agora:  
 É tempo de gemer, geme comigo.

Que importa, que no carro diamantino  
 Tão formozo amanheça o claro dia?  
 Que importa vêr as nuvens engracadas,  
 Com quem reparte Fébo o seu luzeiro?  
 Que importa ouvir o canto sonoro  
 Do meigo Rouxinol, do bom Canario?  
 Nada, oh lira! já pôde consolar-nos:  
 É tempo de gemer, geme comigo.

Este bosque saudoso, em que vivemos,  
Regarei com meu pranto na esperança  
De que breve ei-de estar na sepultura.  
Mas, oh lira! já brilha o claro Fébo;  
Suspendamos um pouco este lamento,  
Até que volte a pavorosa noite.  
Eu emudeço, oh lira! eu não suspiro ...  
Emudece também, geme comigo.

---

IDILIO.

JOZINO, E CLÓE.

*Jozino.*

CLÓE! Para que colhes com tanto cuidado estas flores ainda orvalhadas do fresco rocio da madrugada? Que urgente cuidado te obrigou a deixar tão cedo a cabana, que, quando o galo velador despertava o seu rebanho, já tu avias saído? Mas, Clóe! tu xoras?..

*Clóe.*

Jozino! meu caro irmão! Tu ignoras por ventura, que oje fazem dois anos, que o Ceo nos roubou nosa Mãe? Ah! e que Mãe, meu caro irmão! Eu vim colher estas flores para cobrir a sua sepultura.

*Jozino.*

Ah! minha amada Clóe! E quando virá um dia, em que eu me não recorde desa Mãe, que tanto

me amava, e que só se alegrava quando tambem nos via alegres? Não te lembras, Clóe, daquele dia, em que eu vim triste para á Cabana, por ter perdido o premio na contenda do canto com Titiro! Quanto se affligiu ella! Quantos meios buscou para me alegrar! E averá no Mundo uma conza tão doce como uma Mãe, ó minha Clóe! Não é por certo tão agradável a fresca sombra ao caminhante fatigado, nem a pura fonte ao segador sequiozo na maior calma do Estio. Eu tambem sai mais cedo por vir derramar sobre a sua sepultura um tarvo de branco leite.

*Clóe.*

Eia, Jozino, vamos. *(Caminhão ambos mudos, e regando ao sepulcro, se prostrão banhados em lagrimas, e pasado algum tempo diz:)*

*Jozino.*

Eu vos saúdo, ó caras cinzas da melhor das Mães!  
Eu vos saúdo, preciosos restos de uma creatura, á quem, depois da Suprema Divindade, eu mais amei sobre a terra! Ah! se ainda assim podeis ouvir-me, ó minha Mãe! aceitai estas lagrimas, que derrama sobre a vosa sepultura um filho saudozo, e reconhecido.

*Cloé.*

O minha Mãe! O minha melhor amiga! recebei as lagrimas, e ternos suspiros da vosa Clóe! Ah! se ainda me amais, não as desprezareis por certo.

*Jozino.*

Verdes álamos, tristes, e sombrios ciprestes, que rodeais este lugar sagrado, ah! quanto sois felices, pois que dais sombra ás cinzas do Justo! O Inverno não posa despojar-vos da verde ramagem, que vos adorna; o raio não se atreva a ferir-vos.

*Cloé.*

Cedros! ditozos Cedros! O fresco orvalho da Aurora penetre as vosas raizes, para que façais este lugar ainda mais sombrio, e respeitavel. Não temais os golpes do ferro. O Ceo vos defenderá, porque cobris a sepultura da melhor das Mães.

*Jozino.*

Quanto é bom ser Justo! Quanto é feliz a sua vida, e quanto é ditoza a sua morte! A sua vida é uma continua Primavera, e a sua morte uma bela manhã do Estio sem nuvens. nenhuns desgostos perturbão a sua vida, assim como ne-

nhuns sustos orrorizão a sua morte. Este é o teu retrato, ó minha Mãe!

*Clóe.*

Como corrião pacificamente os teus dias, em quanto o Ceo nos quiz dar a consolação de possuir-te, ó minha Mãe! O Ceo abençoava o teu pequeno rebanho, e jámais te faltou o campo com uma colheita sufficiente para nós, e ainda, o que era o teu maior prazer, para socorrer os indigentes. Que lagrimas de alegria não derramavas depois de ter espalhado beneficios no seio da indigencia!

*Jozino.*

Como tenho ainda presente o dia, em que, para socorrer á Filis, tu déste os mesmos frutos, que estavam reservados para o teu alimento! Quantas lagrimas derramaste, ouvindo os suspiros daquela pobre Mãe, que gemia oprimida de dôr, por não ter que dar aos innocentes filhinhos, que lhe pedião tambem com lagrimas o sustento! Quanto é doce o fazer bem! Posão teus filhos imitar-te, ó minha Mãe!

*Clóe.*

Quão triste foi para nosa Aldéa o dia, em que tu morreste, ó minha Mãe! Como um grande nu-

mero de infelizes gemia em torno ao teu leito, e o banhava com lagrimas de verdadeiro reconhecimento, e saudade ! Como abençoavão o teu nome, e ainda oje abençoão a tua memoria ! O teu sepulcro é respeitado, e os velhos o mostram aos mancebos dizendo com lagrimas : Eis o lugar onde repouzão as cinzas de um Justo : abençoaí a sua memoria, ó meus filhos !

*Jozino.*

Recebe, ó minha Mãe ! recebe este puro leite mais alvo, que a neve, que eu vazo sobre a tua sepultura ; e se lá na morada do Eterno, ainda te movem as afeições terrenas, recebe as minhas lagrimas, e digna-te de abençoar-me.

*Clóe.*

Estas brancas flores, ó minha Mãe ! colhidas ao nacer da Aurora, aceita em penhor da minha ternura, e lá desa morada dos Justos, lança os olhos sobre a tua Clóe.

*Asim falarão os dois inocentes Pastores, e, derramando com lagrimas o leite, e as flores sobre o umilde sepulcro, se retirarão ainda xorando. Posão todos os filhos asemelhar-te, ó par bem-aventurado !*

---

*A leitura do inimitavel Gessner me excitou a compôr este Idillio no seu estilo.*



---

## EPIGRAMAS.

1.

Tua Mãe veio á Roma? (Augusto disse  
A' um mancebo com quem se parecia :)  
Não, minha Mãe não veio ; (o Joven torna ;)  
Porém meu Páe viria.

2.

### *Tradução de Marcial.*

Os versos, que tu recitas,  
São, ó Fidentino, meus ;  
Mas, como os recitas mal,  
Principião a ser teus.

3.

Elmiro se é fraco n'uma,  
É valente n'outra parte :  
No Campo de Marte é Venus ;  
No Campo de Venus Marte.

4.

Tu dizes, que o meu Poema  
Não podia ser peor ;  
Ele é máu ; eu digo o mesmo ;  
Porém não fazes melhor.

## EPILOGO.

*A' Patria, e aos meus Amigos.*

Patria minha, e de Eróes! Eis meus Poemas  
 Não buscar em teu seio acólho, abrigo;  
 No seio em que os cantei, bem que de balde  
 Roubar-mos pertendêra infame Déspota. (a)  
 Aceita-os, Patria! E neles vê pintado  
 O amor de um filho, que de o ser tem gloria:  
 Recebe cultos: para mim es Nume.  
 Qual fui outr'ora, sou ainda o mesmo.  
 E vós amigos, que lereis meus versos,  
 Aceitai-os tambem: á vós, á Patria,  
 Meus disvelos, meus dias ei votados.  
 Vêde: nos versos meus Eróes já vivem,  
 Eróes, que o Tempo submergiu no Letes.  
 Recebei um penhor do eterno laço,  
 Amigos, que me onrais, que onrais meus versos.

F I M.

---

(a) *Este verso tem allusão particular.*

